



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Lais Maciel Brito

A TRAVESSIA DE *EL CURRO*: RELATO DE UMA TRADUÇÃO

Brasília – Distrito Federal
2023

Lais Maciel Brito

A TRAVESSIA DE *EL CURRO*: RELATO DE UMA TRADUÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à conclusão da disciplina Projeto Final do Curso de Tradução e obtenção do grau de Bacharel em Letras/Tradução Espanhol.

Orientadora: Prof.^a María del Mar Páramos Cebey

Brasília – Distrito Federal

2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Banca examinadora:

Prof.^a María del Mar Paramos Cebey
Orientadora

Prof.^a Magali de Lourdes Pedro

Prof.^a Sandra María Pérez López

Brasília – Distrito Federal
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, que sempre me incentivou e se dedicou à formação de seus filhos. Sei o quanto ela sacrificou para que pudéssemos ter uma educação adequada. Realizar o sonho dela, de ver seus filhos se formando é uma honra para mim, o sonho que era dela se tornou um sonho meu sonho também. Também agradeço ao meu pai, que da mesma maneira sempre me incentivou a estudar, e ao meu irmão caçula, que, apesar de não expressá-lo sentimentalmente, sei que se orgulha de mim, assim como meus pais.

Agradeço aos excelentes professores que tive durante minha formação, em especial aos professores da UnB que fazem um trabalho lindo, sempre buscando entender os sofrimentos dos alunos e ajudando da melhor maneira, tanto na vida acadêmica como pessoal. É gratificante poder receber todo o conhecimento passando por eles.

À minha orientadora, Maria Del Mar. Tive a sorte de ser agraciada pelo seu carinho durante o curso. Agradeço por ter aceitado me orientar, sua contribuição e paciência ao meu aprendizado é significativa. Agradeço pelos ensinamentos e por sempre exigir o nosso melhor.

À UnB, pela experiência incrível de poder estudar nessa instituição, pelo ensino de qualidade e pelas experiências vividas e amigos que fiz.

Aos amigos que fiz durante o curso, que percorreram comigo esse longo caminho celebrando cada conquista e cada semestre superado e por deixar a vida acadêmica mais leve e divertida.

Agradeço a Deus pelas conquistas e bênçãos concedidas durante a vida.

“É preciso que a gente fale do povo exaltando o seu espírito, contando como ele vive nas horas de lazer, nas festas, nas alegrias e nas tristezas.”

Luiz Gonzaga

RESUMO

O objetivo deste trabalho se concentra no processo de tradução para o português da obra infantojuvenil mexicana *El Curro* (2000), de Catalina Fernández Mata, baseada em uma lenda popular da cidade de Chihuahua, no México. No processo, foram abordados problemas de tradução de antroponímia, assim como as diferentes variantes relacionadas ao substantivo *pueblo*, que pode ser mais polissêmica do que parecia a simples vista. O apelido e título do conto, *Curro*, foi nosso principal antropônimo estudado, e parte deste trabalho consistiu em buscar um equivalente na língua portuguesa. O trabalho tem como base a tradução e(m) literatura. Para esta, teóricos como Lajolo (1982) e Eagleton (2006) formularam uma definição, assim como Catford (1980), Oustinoff (2011) e Britto (2012) traçaram conceituações com relação a tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Literatura; Pueblo; *El Curro*, Literatura Infantojuvenil.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo se centra en el proceso de traducción al portugués de la obra infantojuvenil mexicana *El Curro* (2000), de Catalina Fernández Mata, basada en una leyenda popular de la ciudad de Chihuahua, México. En el proceso, se abordaron problemas de traducción de antroponimia, así como las diferentes variantes relacionadas con el sustantivo *pueblo*, más polisémica de lo que, a simple vista, pueda parecer. El apodo y título del cuento, *Curro*, fue nuestro principal antropónimo estudiado, y parte de este trabajo consistió en buscarle un equivalente en la lengua portuguesa. El trabajo tiene como base la traducción y/en literatura, a partir teóricos como Lajolo (1982) y Eagleton (2006), que formularon una definición de lo que sería literatura, así como de Catford (1980), Oustinoff (2011) y Britto (2012), y sus contribuciones con relación a la traducción.

Palabras-clave: Estudios de la Traducción; Literatura; Pueblo; El Curro, Literatura Infantojuvenil.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Definições 1	32
Tabela 2: Definições 2	33
Tabela 3: Definições 3	33
Tabela 4: Processos de tradução 1	34
Tabela 5: Processos de tradução 2	35
Tabela 6: Processos de tradução 3	35
Tabela 7: definições 4	36
Tabela 8: Definições 5	36
Tabela 9: Definições 6	37
Tabela 10: Definições 7	38
Tabela 11: Definições 8	39
Tabela 12: Processos de tradução 4	40
Tabela 13: Processos de tradução 5	41
Tabela 14: Processos de tradução 6	41
Tabela 15: Processos de tradução 7	42
Tabela 16: Processos de tradução 8	42
Tabe 17: Processos de tradução 9	42
Tabela 18: Definições 9	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: LITERATURA E(M) TRADUÇÃO	13
1.1. Afinal, o que é literatura? Breve percurso	13
1.1.1. Gêneros textuais literários	15
1.1.1.1 As lendas.....	17
1.1.1.2. Literatura Infantil e Juvenil	18
1.2. A tradução (literária).....	20
CAPÍTULO II <i>EL CURRO</i> : UMA LENDA POPULAR.....	26
2.1. Origem de <i>El Curro</i>	26
2.2. O fomento da literatura infantojuvenil no México: o caso de <i>El Curro</i>	27
2.2.1.O Conafe (Consejo Nacional de Fomento Educativo)	28
CAPÍTULO III: <i>EL PUEBLO DE EL CURRO</i> : RELATO DE UMA TRAVESSIA	32
3.1. Breves apontamentos metodológicos.....	32
3.2. Relato de uma tradução	34
3.2.1. <i>El pueblo de El Curro</i>	36
3.3. Antropônimos (em tradução)	43
3.3.1. <i>El Curro</i>	46
Considerações finais	51
Referências	53

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é fazer uma proposta de tradução para o português de um conto, baseado em uma popular lenda mexicana. Estamos falando de *El Curro* (2000), de autoria da escritora Catalina Fernández Mata, conto infantojuvenil baseado na lenda da cidade de Chihuahua e publicado pelo *Consejo Nacional de Fomento Educativo* (Conafe), órgão que possui um acervo para publicação das próprias obras infantis e juvenis, com o intuito de incentivar as crianças das mais diversas comunidades do México, e convidá-las a se adentrarem no mundo da leitura, do sonho e da imaginação.

Para tanto, a monografia foi dividida em três capítulos, a saber: No primeiro deles, abordaremos algumas linhas teóricas da literatura, especialmente da literatura infantil e juvenil (Lajolo, 1982), e serão comentados os diversos critérios pelos quais se busca identificar o que diferencia um texto como literário ou não literário: o tipo de linguagem utilizada, as intenções do autor, os temas e assuntos abordados na obra, a natureza do projeto do escritor etc. Todos esses aspectos já tiveram ou ainda têm sua importância e relevância, que, em conjunto, não apenas não se anulam, como também se complementam, ajustando melhor certos aspectos e, acima de tudo, correspondendo ao que já se pensou ou ainda se pensa ser literatura em determinado contexto da vida humana, além de possuir uma linguagem extremamente ambígua. Ela sugere a arbitrariedade do significado, a fragilidade das alianças e, em última instância, a singularidade de cada ser. É, portanto, através dessa linguagem que instauram realidades e criam significados, que a literatura é tecida.

Já o teórico Eagleton (2006) acredita que a literatura consiste em uma escrita voltada para a imaginação, explorando o campo da ficção. Através desse artifício, ela retrata aspectos que não são estritamente verídicos na vida real. O que é fascinante é que a literatura tem o poder de transformar a linguagem cotidiana, transcender significados convencionais, pois nem tudo que é dito é literalmente verdadeiro. Talvez a definição da literatura não esteja necessariamente ligada ao fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas sim à maneira peculiar como emprega a linguagem, afastando-se deliberadamente da comunicação cotidiana.

Também são abordados os gêneros literários classificados em três categorias: dramático, narrativo e lírico. Além desses três gêneros o autor dá destaque para um outro, o romântico, que não é classificado nas classes dos gêneros, mas que se insere à força. A obra que traduzimos neste trabalho é uma lenda. Essa categoria faz parte do gênero narrativo. As lendas estão inseridas na sociedade como parte da cultura de determinada região.

Discorreremos sobre a literatura infantil, gênero que passou por diversas mudanças desde o seu surgimento até os dias atuais, cujo percurso histórico trazemos um pouco. A literatura dirigida às crianças é uma das expressões culturais artísticas mais significativas em suas vidas. Isso ocorre porque fomenta o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e da sensibilidade, graças à ampla gama de estímulos, dicas e recursos que promovem seu bem-estar psicológico e emocional.

A tradução do gênero literário, segundo Britto (2012), envolve muito mais que aspectos gramaticais, produzir uma tradução que seja fiel ao original é desafiador, já que o texto pode ter múltiplas interpretações. Não temos acesso às intenções do autor ao escrever um texto. Nesse contexto, o tradutor literário, atuando como um profissional no mercado, produz traduções de uma língua estrangeira para o idioma do público leitor, que deseja ter acesso a obras escritas em línguas que não domina. O ideal para o tradutor, nesse tipo de texto, é criar no próprio idioma uma obra que considere os elementos essenciais do texto original, reconstituindo da melhor maneira o que lhe parece mais importante.

No capítulo II, apresentaremos a obra e o contexto que a envolve, isto é, de onde surgiu a lenda de *El Curro*, que, por ser transmitida oralmente acaba por possuir diferentes versões. Também é traçado um breve passeio pela autora, ilustradora e editora que publicou essa obra. Catalina Fernández, autora da obra, não é uma pessoa que possui muitas informações públicas. O mesmo acontece com a ilustradora Liliane Infante Villa. A obra faz parte de um projeto desenvolvido pelo Conafe, que trabalha no fomento ao incentivo da leitura para crianças nas comunidades. Esse órgão possui um acervo que contém obras de autores renomados adaptadas para o público infantil e juvenil.

No capítulo III, analisaremos, brevemente, o processo tradutório, tentando justificar as escolhas realizadas. Centraremos nossos esforços no primeiro problema

encontrado já no próprio título, por se tratar de um antropônimo, um apelido dado ao personagem que consideramos que requer uma tradução adequada. Buscamos adjetivos equivalentes que pudessem conter as mesmas características apresentadas no livro e proporemos uma tradução, além de analisar as ocorrências do substantivo *Pueblo*, que aparece várias vezes no texto. Trata-se de um substantivo polissêmico que pode ser traduzido por vários outros substantivos apresentados no capítulo.

CAPÍTULO I: LITERATURA E(M) TRADUÇÃO

1.1. Afinal, o que é literatura? Breve percurso

A literatura é um gênero que vai além de uma atividade artística; trata-se de cultura, história, podendo ser capaz de expressar uma variedade de sentimentos humanos. Atinge todos os estratos sociais, ainda que, às vezes, de forma imperceptível. Segundo Marisa Lajolo, em seu livro *O que é literatura* (1982), para que a literatura exista é necessário que alguém a escreva e outra pessoa a leia. No entanto, o seu significado também pode depender do ponto de vista e do tipo de discussão de cada indivíduo. De uma carta de amor escrita para o amado, mas nunca entregue, até pensamentos registrados em diários, tudo isso, segundo Lajolo, “é, não é, e pode ser que seja literatura” (1982, p.15).

De acordo com Lajolo (1982), as obras literárias precisavam passar pelo crivo das instituições escolares, que desempenhavam um papel crucial na sua legitimação como literatura.

Na escolha dos textos, a escola priorizava autores mais antigos. Foi assim que, há muito tempo, começou o papel da escola como um dos mais importantes órgãos que certificam uma obra, não apenas como boa ou má literatura, mas também como literatura ou não.

vários têm sido os critérios pelos quais se tenta identificar o que torna um texto *literário* ou *não literário*: o tipo de linguagem empregada, as intenções do escritor, os temas e assuntos de que trata a obra, a natureza do projeto do escritor... tudo isso já teve ou ainda tem sua hora e sua vez. Cada uma destas definições é parcial em si mesma. E em conjunto, mais do que se anularem umas às outras, complementam-se, ajustam melhor certos aspectos e, acima de tudo, correspondem ao que foi ou é possível pensar de literatura num determinado contexto da vida do homem. (Lajolo, 1982, p.21, 22.)

Para Lajolo (1982), a literatura continuará a ser para cada um aquilo que considera como literatura, independentemente do que outros digam que é. Há diversas maneiras de responder ao questionamento sobre o que é literatura e inúmeros estudos foram elaborados na tentativa de teorizá-la, enquanto pensadores, escritores e artistas buscam determinar se um texto é ou não literário. Entretanto, em meio a todas essas tentativas, Lajolo (1982), como vimos, argumenta que a literatura continuará sendo o que cada indivíduo acredita ser, independentemente das opiniões alheias. Ou seja, aquilo que cada pessoa considera e acredita como literatura, será.

A autora descreve a literatura como uma natureza da linguagem que se utiliza do simbolismo e da ambiguidade, nos quais as palavras possuem sentidos diversos do que etimologicamente significam,

Participando da natureza última da linguagem – simbolizar e, simbolizando, afirmar a distância entre o mundo dos símbolos e dos seres simbolizados – a literatura leva ao extremo a ambiguidade da linguagem: ao mesmo tempo em que cola o homem às coisas, diminuindo o espaço entre o nome e o objeto nomeado, a literatura dá a medida do artificial e do provisório da relação. Sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança e, no limite, a irredutibilidade de cada ser. É, pois, esta linguagem instauradora de realidades e fundante de sentidos a linguagem de que se tece a literatura. (Lajolo, 1982, p.38).

Outro teorizador da literatura é Terry Eagleton (2006), aponta que, o que há de verdadeiramente elitista nos estudos literários consiste na ideia de que as obras literárias só poderiam ser apreciadas por aqueles que possuíssem algum tipo de formação cultural. Assim como Lajolo (1982) cita a ambiguidade da linguagem, este teórico diz que essa forma elitista que mergulha numa linguagem ilegível está sendo desleal para com suas próprias raízes históricas. No entanto, Eagleton (2006, p.09) justifica que vale sempre lembrar que a literatura, em sua característica ambígua, não tem o propósito de ser comum.

Segundo o autor, uma das razões para emergirem tantas teorias literárias, se deve ao fato de as faculdades receberem novos tipos de estudantes, de meios não tão cultos. Nesse caso, a teoria surge como uma forma de libertar as obras literárias e permitir o acesso a um tipo de análise, da qual, a princípio, todos pudessem participar. A teoria da literatura se desenvolveu rapidamente e sofreu constantes mudanças no próprio conceito de "literatura", "leitura" e "crítica". Os impactos dessas mudanças atingiram principalmente os estudantes de literatura, e não os leitores.

Na tentativa de definir o que é literatura, Eagleton (2006) se arrisca a dizer que a literatura é uma escrita "imaginativa", voltada para a ficção, pois ela retrata o que não é literalmente verídico na vida real. O fato é que a literatura transforma a linguagem comum e a intensifica, transborda de significados, nem tudo é literal, e talvez a literatura seja definível, não pelo fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas porque a forma como é empregada, de forma peculiar, a linguagem utilizada se afasta sistematicamente da fala do cotidiano.

O teórico afirma que a literatura possui uma escrita supervalorizada sem uma característica estável, assim como uma obra pode ser considerada como filosofia num

século, e como literatura no século seguinte, ou vice-versa, também pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerada como digna de valor. O autor postula que ela pode ser interpretada de diversas maneiras a cada leitura, pois colocamos nossas experiências e conhecimentos na forma de interpretar um texto.

A interpretação das obras literárias, de certa maneira, está sempre ligada aos nossos próprios interesses. Eagleton (2006) acredita que, na realidade, não somos capazes de interpretá-las de outro modo, sem que levemos em conta nossas próprias opiniões. Esta pode ser uma das razões pelas quais algumas obras literárias parecem manter seu valor ao longo dos séculos. Talvez ainda tenhamos muitas das preocupações presentes na própria obra. No entanto, também é possível que não estejamos apreciando exatamente a mesma obra, apesar de parecer assim.

A literatura carrega um peso institucional, pelo fato de os autores fazerem dela uma espécie de instrumento de validação e de autoridade cultural, o que a torna parte da sociedade. Ela é reconhecida como um fenômeno cultural dentro da sociedade, trabalhando com a captura de elementos sociais, culturais, fenômenos da natureza, sentimentos, linguagem e transformando todos esses elementos numa ferramenta para a literatura, a torna literatura.

Partindo do ponto de que a literatura é ambígua e dotada de metáforas, é que a sua forma de usar a linguagem se distingue da comum. Um ponto de partida relevante para encaminhar um estudo sobre a tradução literária, consiste em examinar as metáforas usadas pelos autores nas suas obras. Surgem muitos teóricos que propõem métodos de traduzir a partir das problemáticas encontradas no texto. A metáfora é uma delas. São os poetas, linguistas, tradutores, psicanalistas, filósofos, que buscam por uma definição do que é tradução.

1.1.1. Gêneros textuais literários

A classificação dos diferentes tipos de obras literárias se torna mais compreensível quando nos lembramos de que gênero (do latim *genus-eris*) significa o momento do nascimento, a origem, a classe, a espécie, a geração. A palavra gênero remete à ideia de origem, com um sentido de reagrupamento de indivíduos ou objetos que têm em comum algumas características importantes. A literatura recorre a este

termo para classificar obras e assuntos em função de critérios únicos. Ao longo do tempo, tem-se categorizado cada obra literária em uma classe ou espécie específica.

Levando em conta a questão da historicidade, Aristóteles é considerado o fundador do gênero literário, com sua Poética. Ele introduz a ideia de distinguir categorias e de descrever de forma teórica as regras que as regem.

Segundo Angélica Soares (2007), um ponto a se considerar é a quantidade de gêneros existentes. A divisão tripartida (gênero lírico, épico e dramático) seria suficiente para abranger todos os textos literários, e caso surgissem obras com elementos não previstos, Soares (2007) acredita que o primeiro passo é acompanhar os momentos mais relevantes da trajetória histórica da teoria dos gêneros. De acordo com Stalloni (2007), os gêneros literários estes estão subdivididos em três categorias: dramático, narrativo e lírico.

O gênero dramático se constitui pelo fato de os personagens falarem diretamente e imitarem a ação. O que distingue a narrativa do dramático é a enunciação. É através dessa enunciação em primeira pessoa que a arte dramática expressa a mimese. Ela se insere numa temporalidade limitada àquilo que se experimenta “ao vivo”. Esse gênero utiliza uma linguagem própria composta por duas facetas complementares: o texto dramático (constituído pela fala dos autores, os diálogos ou monólogos) e os efeitos de direção (guiados pelas indicações do diretor).

Já no gênero da narração, a ação dos personagens é contada por um narrador, podendo ser feita em terceira ou primeira pessoa.

A narrativa, de acordo com Stalloni (2007), é inicialmente um enunciado narrativo, um tipo de discurso que se confunde parcial ou totalmente com a obra. É uma série de acontecimentos, podendo ser reais ou fictícios; e, um ato, o ato do narrador que conta um ou vários acontecimentos. Ela se divide em: novela, narrativa geralmente breve, de construção dramática; o conto, que pode ser definido como um relato curto, com uma narração pura; e a fábula, que também se caracteriza por ser uma narrativa curta, porém com um relato imaginário que é destinado a ilustrar uma moral.

Um outro importante gênero que não podemos deixar de fora é o gênero romanesco, que é definido por uma relação com o real, sua forma de escrita, temática

e seu objetivo estético e moral. Sua leitura era perigosa para os costumes antigos. Porém, seu lugar nas tipologias dos gêneros não é reconhecido originalmente.

Finalmente, o gênero lírico, que se utiliza do verso, do papel da subjetividade e da relação com a ficção. A poética pode se aplicar a qualquer tipo de construção, concreta ou abstrata. “No interior da poesia encontram-se distinguidos três gêneros miméticos: a tragédia, a epopeia, a comédia, mas nada que designe uma escrita específica baseada na utilização do verso.” (Stalloni, 2007, p.132).

A forma lírica apresenta a imagem do artista numa relação íntima consigo mesmo. A poesia é uma arte da linguagem e está diretamente associada à versificação, tentando exprimir algo por meio da combinação verbal que dá um tom rítmico e harmonioso

1.1.1.1 As lendas

De acordo com o dicionário Caldas Aulete, lenda é definida da seguinte forma:

1. História fantasiosa acerca de personagens exemplares ou seres sobrenaturais e que faz parte da tradição de um povo (lenda do saci-pererê)
2. Narrativa de ações praticadas por santos ou heróis em que os fatos históricos adquirem feição fantástica devido a interpretações guiadas pela livre imaginação popular; LEGENDA
3. Fig. P.ext. História fantasiosa acerca de pessoa famosa, criada pela imaginação popular ou por especulação da mídia: Conta a lenda que Renato Russo odiava cantar em público.
4. P.ext. Tradição popular.
5. Personagem lendário: Garrincha é uma lenda do futebol.
6. Fig. Engodo, lorota, mentira.
7. Fig. Narrativa monótona e fastidiosa; LADAINHA; LENGALINGA

As lendas existem desde a formação da sociedade, são narrativas populares criadas pelo produto inconsciente da imaginação. Elas constituem um valioso registro e, de acordo com Bayard, em sua obra *História das lendas* (2002), as lendas expressam a essência de um povo. E, no início, constituíam uma compilação da vida dos santos e mártires, geralmente lidos nos refeitórios dos conventos. Com o passar do tempo, foram vulgarizadas e passaram a fazer parte da narração popular.

Elas se fundamentam em fatos reais que se tornaram patrimônios culturais identitários de um povo ou região. Como se caracterizam por ser uma tradição oral repassada através do tempo, as lendas acabam se alterando de acordo com a interpretação daquele que as propagam. Além do mais, esse tipo de narrativa possui um grande potencial didático no processo de construção do conhecimento histórico

das crianças, promovendo o sentido de direção da narrativa e da vida real, como afirma Filipe (2017).

No Brasil, contamos com uma rica cultura de lendas e mitos. Podemos encontrar histórias das lendas no livro *Lendas e mitos do Brasil* (2007), feito pelo programa de pesquisa de ensino e extensão “A tela e o texto”, no qual se apresentam várias lendas e mitos populares na tradição brasileira, tais como: “A lenda do Saci”, “A lenda da mula-sem-cabeça”, “A lenda do boto”, “O mito do Caipora”, entre outros.

1.1.1.2. Literatura Infantil e Juvenil

Numa perspectiva histórica, levando em consideração os primeiros registros da Literatura Infantil e Juvenil, temos seu início originado há muito tempo. Registros apontam que no século XVII, na França, foi publicada a primeira coletânea de contos infantis por Charles Perrault. Consagrado como o pai da literatura infantil, Perrault advogado, escritor e poeta. Coelho (2008) discorre que o Perrault coletou contos e lendas da Idade Média e os reuniu em oito histórias recolhidas das memórias do povo criando o famoso “Contos da Mamãe Gansa (1697)”, onde estão reunidos contos como: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Gato de Botas”, “Cinderela”, “Barba Azul” e “O Pequeno Polegar”. Trata-se de contos de fadas que ainda são editados, traduzidos e distribuídos em diversos meios de comunicação na atualidade, que inclusive foram adaptados para várias formas de expressão, como o teatro, o cinema e a televisão.

Ainda no século XVII, Jean de La Fontaine surgiu com as ‘fábulas’, inspiradas pelos contos de Perrault, para as quais buscou insoiração em fontes documentais da Antiguidade: em histórias bíblicas, narrativas medievais, coletâneas ocidentais e também nas memórias populares. Assim surgiram seus versos, a que deu forma literária como as *Fábulas de La Fontaine*, em que estão contidas fábulas como: “O Lobo e o Cordeiro”, “A Cigarra e a formiga”, e, “A Lebre e a tartaruga”. Conforme Coelho (2008), os contemporâneos diziam que as fábulas de *La Fontaine* eram verdadeiras textos cifrados que denunciavam as intrigas, os desequilíbrios e as injustiças que aconteciam na vida da corte ou no povo. Suas fábulas eram “todas alimentadas de uma sabedoria prática que não envelheceu, pois se fundamenta na natureza humana, e esta, como sabemos, continua a mesma, através dos milênios.” (Coelho, 2008, p.28).

Como contribuintes para a propagação dos contos infantis estão os irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm). Através de suas pesquisas linguísticas sobre os contos de fadas, o gênero foi enfim constituído e se expandiu pela Europa e pela América. Inspirados pelos textos que serviam para os estudos linguísticos, os irmãos se aventuraram no imenso universo da narrativa literária e formam o que hoje conhecemos como Literatura Clássica infantil. Dentre seus contos estão: “A Bela Adormecida”, “Branca de Neve e os Sete Anões” e “Joãozinho e Maria”.

Décadas depois, o dinamarquês Hans Christian Andersen completou o acervo da Literatura Infantil Clássica. com contos como: “O Patinho Feio”, “O soldadinho de Chumbo”, “A pequena vendedora de Fósforos”, entre mais de cem outros contos. Os contos de Andersen, como Coelho descreve no seu livro “O Conto de Fadas (2008)”, exaltam a sensibilidade, a fé cristã, os valores populares, a fraternidade e a generosidade.

No rastro dessas descobertas, surgem também as “escavações” na memória popular, nacional; difundem-se as pesquisas narrativas populares e folclóricas por toda a Europa (Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha, Inglaterra...) e pelas Américas (Brasil, Argentina, Chile, Peru, México...), com base nas quais cada nação empenhava-se em descobrir suas verdadeiras raízes nacionais. (Coelho, 2008, p.35)

Destacou-se em diversas coletâneas de contos maravilhosos, fábulas e lendas e essa caminhada, esses conjuntos, apesar de pertencerem a diferentes povos e regiões com histórias distintas, acabam por compartilhar várias narrativas similares, como o conto de “Chapeuzinho Vermelho”, a história de “A Bela Adormecida” ou a história de “A Gata Borralheira”.

A literatura infantil passou por diversas mudanças desde o seu surgimento até os dias atuais. Diversos autores passaram a discutir o papel da criança na sociedade, pensando em suas necessidades e ambições. Desde então, a literatura vem apresentando aos pequenos histórias que contêm reflexões sobre questões que fazem parte de suas vidas. É preciso mostrar-lhes a literatura como forma de arte, um atrativo que os faça mergulhar no mundo da imaginação. A leitura desses tipos de textos é capaz de desenvolver o pensamento crítico das crianças e jovens, possibilitando que possam analisar suas próprias emoções, pois a leitura proporciona uma vivência de experiências e sensações.

Esse tipo de literatura tem como característica a forma como é endereçada aos leitores. Leva-se em conta a idade dos leitores, pois é a partir de suas diferentes faixas etárias que serão distinguidos os elementos que irão compor essa literatura para que estejam de acordo com a competência de leitura que o pequeno leitor já alcançou. Partindo dessa característica, o autor irá direcionar a forma de comunicação mais adequada à idade, encaixando as experiências das crianças aos usos de linguagem verbal e visual. Os temas são selecionados de acordo com as expectativas dos pequenos, tendo em mente o foco narrativo.

As literaturas infantis estão ligeiramente interligadas com o visual. Na fase de início da interação com a literatura, os livros com imagens tomam conta dos repertórios das crianças. A autora Ligia Cademartori (1986), enfatiza que imagens e palavras dividem o espaço no livro e travam uma disputa pela atenção do leitor. Porém, deve haver um equilíbrio entre a presença do visual e do verbal. O visual pode estar complementando a linguagem verbal. Lembrando que o ilustrador é igualmente narrador, embora em muitas obras o autor desempenha o papel dos dois.

Nos últimos séculos, tornou-se de suma importância a integração da literatura infantil na formação dos pequenos, que passou a fazer parte das pautas de políticas públicas de educação e cultura. O próprio Estado trabalha no fomento à leitura, disponibilizando livros e até mesmo publicando. A importância de aproximar as crianças da leitura é praticamente um consenso na sociedade.

A literatura infantil está situada em dois sistemas, no literário e no educativo. É primordial o incentivo à leitura de jovens e crianças tanto nas escolas como em casa. A leitura da literatura produz conhecimento e proporciona lazer e entretenimento.

No livro “O que é literatura infantil” (1986), Cademartori enfatiza, que na antiguidade, a criança era concebida como um adulto em potencial, e foi só depois que os contos foram vistos como parte importante do processo de maturação das crianças e jovens. Portanto, os contos coletados de fontes populares passaram a ser postos a serviço dessa missão. Foi nesse processo de adaptação que o conceito da ingenuidade da mentalidade popular se identificou com a ingenuidade da mentalidade infantil.

1.2. A tradução (literária)

A tradução é considerada uma das atividades linguísticas mais antigas conhecidas. E etimologicamente, deriva do latim *traducere*, que quer dizer ‘conduzir ou fazer passar de um lado para o outro’. Seus estudos surgem em diferentes períodos na cultura europeia e americana. Suas teorias são formuladas a partir das práticas da tradução e constituem uma parte importante na história literária e cultural.

De acordo com Catford (1980), a teoria da tradução preocupa-se com tipos específicos de relações entre línguas, sendo ela um ramo da linguística comparativa. Do ponto de vista da teoria da tradução, a distinção entre comparações sincrônicas e diacrônicas se torna irrelevante, já que a equivalência de tradução pode ser estabelecida entre qualquer par de línguas ou dialetos "relacionados" ou não, e em forma de qualquer tipo de relacionamento: espacial, temporal, social ou outro. Como ocorrem, assim traduções feitas do mesmo idioma, porém feitas de uma época para outra, por exemplo.

Catford define a tradução como “a substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente noutra língua (LM)”. Segundo ele, esse material textual são fragmentos de um texto na Língua Fonte, substituídos por ‘equivalentes’. É aqui que residiria o problema maior da prática tradutória, encontrar na Língua Meta, aquele para a qual se traduz, um equivalente para a LF. Para isso, o autor define três categorias de tradução: o ‘volume’, no qual a tradução pode ser ‘plena’ (o texto inteiro é submetido ao processo de tradução) ou ‘parcial’ (apenas parte ou partes do texto LF são incorporados ao texto meta, os considerados traduzíveis); os ‘níveis’ que consistem em uma tradução ‘total’ (todos os níveis do texto fonte são substituídos por material na LM) ou ‘restrita’ (executada em nível fonológico ou grafológico, ou em um dos níveis gramatical e lexical); e, por fim, as ‘ordens’, que podem afetar a uma tradução ‘total normal’ (em que equivalências mudam constantemente) ou “limitada” (onde a escolha de equivalentes da LM se faz na mesma ordem, como palavra por palavra).

Assim como Michaël Oustinoff retrata em seu livro *Tradução: história, teoria e métodos* (2011), existem várias teorias da tradução. No entanto, todas remetem para algo em uma transferência, linguística confirmando a etimologia da palavra: “leva de um lado para o outro”. Ainda em seu livro, o autor afirma que não existe apenas uma única modalidade de tradução autêntica, pois ela se configura numa operação de natureza dinâmica, nunca estática. Oustinoff (2011) afirma que a contribuição da

linguística para a teoria da tradução é considerável. Fala também da equivalência de Eugene E. Nida. Oustinoff lembra que

Nida distingue duas formas de equivalência: a equivalência formal, que consiste em verter mecanicamente a forma do original: equivalência dinâmica, que transforma o “texto fonte” de maneira a produzir o mesmo efeito na “língua-alvo”. (Oustinoff, 2011, p.56)

Nida (1996) em seu texto *La traducción en perspectiva*, afirma que a capacidade de traduzir é uma perícia, destreza ou habilidade e ao mesmo tempo, uma arte, em especial a tradução literária. Para o autor, a tradução é na realidade uma tecnologia, e não uma ciência ou disciplina aparte. Nida destaca que a capacidade de traduzir textos de conteúdos técnicos requer uma formação especial.

Conforme Nida (1996), como a tradução é uma habilidade humana, quase todas as pessoas bilíngues são capazes de realizar traduções eficientes de uma língua para outra, sem alguma preparação especial. Mas, se tratando de textos técnicos, que requerem um conhecimento específico, isso não se aplicaria. Apesar de todas as teorias tratarem das classes de equivalência ou correspondência, não é possível, segundo o autor, estipular precisamente como produzir ou medir as correspondências, especialmente dos textos literários, nos quais o conteúdo e a forma se combinam para contribuir com o sentido. Conservar as características estilísticas ou completar o seu sentido por meio de outras formas retóricas equivalentes não se aplicam na tradução de textos comerciais, políticos, jurídicos e técnicos, que requerem uma tradução mais precisa e clara, o que implicando a eliminação de qualquer ambiguidade.

Para entender mejor las implicaciones de cualquier teoría de la traducción es necesario considerar algunos aspectos de las lenguas y, especialmente, la relación entre lenguas y culturas. Únicamente de esta manera podemos comprender las limitaciones de cualquier teoría. Debemos pensar en una serie de teorías o principios aplicables para diferentes clases de textos, diferentes circunstancias de uso y diferentes públicos, con sus respectivas preconcepciones acerca de la naturaleza de traducciones adecuadas. (Nida, 1996, p.56).

Nida (1996) expõe que uma das dificuldades para a apresentação de qualquer teoria se dá pelo fato de que todos os idiomas refletem a cultura de que fazem parte. A língua faz parte da cultura, e isso implica formular uma teoria da tradução mediante a cultura representada pela língua. O autor conclui dizendo que qualquer teoria da tradução deve reconhecer a multiplicidade das traduções adequadas, pois sempre é possível dizer a mesma coisa de maneiras diferentes.

Para tanto, o tradutor utiliza várias competências, entre as quais se destaca o domínio de ambos os idiomas de forma a resolver obstáculos e dificuldades presentes em cada texto, que a princípio parecem impossíveis de serem resolvidos para o idioma desejado.

A tradução leva os leitores para outro idioma, outra cultura e outro mundo. O esforço para compreender o que um escritor deseja expressar em sua própria língua, a ambiguidade das palavras e das emoções nelas contidas, e transmitir isso por meio da tradução vai além da simples transmissão verbal e envolve manipulação, reescrita, comunicação, imaginação e mediação intelectual. A poesia leva consigo parte do autor, seus hábitos, seu estilo próprio. Neste caso, a tradução poética requer do tradutor uma habilidade para com a forma, a materialidade, o ritmo e o aspecto visual do poema, de forma que consiga transmitir um sentimento semelhante ao do original. Esse, com certeza, não é um trabalho fácil.

Paulo Henriques Britto (2012) considera que a tradução de textos literários não tem nada de mecânico: trata-se de um trabalho totalmente criativo. A tradução literária envolve muito mais que aspectos gramaticais. Para textos literários, é impossível seguir uma tradução fiel ao original, porque esses textos podem ter múltiplos entendimentos. Também não se pode ter acesso aos pensamentos do autor quando escreve o texto.

Os tradutores de obras literárias devem considerar muitas coisas ao traduzir, incluindo sintaxe, vocabulário, nível de formalidade e conotação. O objetivo não é criar um texto idêntico ao original, mas um efeito estético que permita ao leitor sentir que está lendo o original e não uma tradução.

Segundo Britto (2012), traduzir não é uma ciência exata, e sim uma atividade pragmática que atinge aspectos diversos. Sobre o tradutor literário, coloca:

O inatingível ideal do tradutor literário é recriar em seu idioma uma obra estrangeira, encontrando correspondências para cada um dos incontáveis elementos que compõem um texto: palavra, sintagmas, características morfossintáticas e fonológicas, trocadilhos etc.; na impossibilidade de realizar essa tarefa de modo perfeito, ele tenta ao menos reconstruir de melhor maneira o que lhe parece de mais importante no original. (Britto, 2012, p.56).

Na forma de tradução literal, nem sempre é possível transferir todo o significado do texto original para o idioma de origem. Coisas que só fazem sentido nesta língua, como trocadilhos, piadas e referências históricas, não terão o mesmo sentido na

tradução, se feita literalmente, ao criar uma sensação de incongruência na compreensão do leitor.

A forma como a tradução nos permite explorar novas culturas, ideias, conhecer novos mundos, trabalha também na formação de novos leitores universais. A literatura se tornou um gênero internacionalizado, principalmente obras juvenis que acabam ganhando uma adaptação cinematográfica. O fato de as obras se tornarem tão famosas mundialmente se dá devido às traduções.

Por diversas razões socioculturais, não existe um incentivo eficaz à leitura no Brasil. O acesso à leitura geralmente ocorre apenas dentro das escolas, e fora das escolas geralmente não há incentivos. A cultura é cara e requer gosto, conhecimento e dinheiro. Ler não é apenas ler sobre o assunto, mas também permite vivenciar o que se lê, ver-se nos personagens e participar do mundo que o livro retrata.

Os professores desempenham, assim, um papel importante na formação de jovens leitores e na promoção da leitura, um processo formativo que influencia as escolhas literárias das crianças.

Segundo Luiz Percival Leme Britto (2015), o mito da leitura é o resultado de um tipo de concepção que não consegue explicar o que significa ler e, ao ignorar as práticas sociais de leitura, ignora as formas pelas quais os sujeitos estão inseridos nas formas, na consciência cultural e no estabelecimento de julgamentos de valor da leitura, em termos “Bom ou Mau”. O autor afirma que a palavra ler é um “verbo transitivo” e, por isso, ao fazer perguntas sobre a leitura, deve-se considerar seu valor ou avaliar suas possíveis contribuições para a aprendizagem. É necessário também conhecer os objetivos que atingem, como são alcançados, as relações estabelecidas por meio da leitura etc.

Ler, além de ser uma ação intelectual marcadamente metacognitiva, é uma possibilidade importante para fazer muitas coisas: o escrutínio e a compreensão do mundo; a intervenção na ordem social; a produção de conhecimentos e a realização do autoconhecimento. Tudo isso se faz de uma forma muito especial pela leitura, ainda que também se possa fazer sem ela. É que uma parte importante daquilo que se entende por produção da humanidade está escrita, se fez na e pela escrita e, por isso, o pleno acesso a ela implica a leitura desenvolvida e articulada. (Britto, 2015, p.67)

No âmbito da formação de leitores, a tradução desempenha um papel importante no que diz respeito à transferência para outro idioma de obras literárias, ao proporcionar um amplo leque de opções para o fomento da leitura. Atualmente os

best-sellers assumem um importante papel no repertório literário dos jovens. Devido à produção em massa de adaptações cinematográficas, o que ajudou a crescer o número de leitores.

É importante se discutir a tradução como ferramenta da sobrevivência das obras literárias no contexto do ensino de literatura estrangeira, pois, como sabemos, as grandes obras são imortalizadas através da tradução. E em outras palavras, sua sobrevivência e variabilidade estão garantidas, principalmente por meio da tradução, que promove a circulação e a formação de novos leitores.

Contudo, devemos destacar que os problemas de tradução literária estão na dificuldade de tradução da cultura. Como descreve Nida (1996), cada língua espelha a cultura à qual pertence. A cultura e a língua são sistemas simbólicos. E, enquanto uma língua é composta por símbolos verbais, a cultura é composta por símbolos formados por crenças e práticas. A língua é parte intrínseca da cultura. Britto (2012) afirma que o idioma faz parte de um todo maior, chamado de cultura. Como elementos reconhecidos por uma cultura não são sempre os mesmos reconhecidos por outras, constituem de dificuldades de tradução como a de nomes próprios, pois estes carregam marcas culturais.

CAPÍTULO II *EL CURRO*: UMA LENDA POPULAR

2.1. Origem de *El Curro*

El Curro (2000), conto de autoria de Catalina Fernández Mata, está baseado em uma lenda popular da cidade mexicana de Chihuahua. De acordo com o jornal *El Heraldo de Chihuahua*¹, narra uma história que se inicia no século XVII, em algum lugar da Espanha. O mineiro espanhol Erasmos Núñez decide se mudar para Santa Eulalia, que era, à época, um importante centro mineiro de extração de ouro e prata, o que a tornava destino ideal para qualquer pessoa que estivesse em busca de riquezas. Há versões distintas dessa popular lenda. Em algumas delas, Erasmos teria partido em direção ao México para fugir das autoridades, após ter cometido um assassinato. Outras fontes afirmam que o motivo teria sido o mesmo de muitos outros homens naquela época: a busca da riqueza e a chance de ter uma nova e mais próspera vida. Conforme as várias versões da história, após chegar a Santa Eulalia, Erasmos, conhecido pelo apelido de *Curro*, conseguiu adquirir uma enorme fortuna por meio de assaltos e roubos. No entanto, não há unanimidade sobre esta teoria a respeito do enriquecimento de Erasmos Núñez já que, de acordo com outras versões, essa fortuna teria chegado ao migrante espanhol de forma honesta, trabalhando muito nas minas. Inclusive circulam outras teorias a respeito de um suposto pacto com o diabo.

Não há dúvidas de que Erasmos Núñez se tornou um homem muito rico, e esse motivo pode ter sido a origem de seu apelido "*El Curro*". Segundo *El Heraldo de Chihuahua*, *curro* em espanhol significa "trabalho", mas também faz alusão a uma pessoa endinheirada, "*palabra que quiere decir 'trabajo' o bien 'estafa' y era una palabra que aludía a una persona adinerada.*" (*El Heraldo de Chihuahua*, 2023). Além disso, Núñez fazia questão de exibir sua riqueza, principalmente no modo de vestir: "*El Curro no ocultaba su prosperidad, sino que se vestía de una manera elegante y llamativa.*" (*El Heraldo de Chihuahua*, 2023). Ao dispor de tanto dinheiro, tornou-se

¹ *La leyenda de el curro*

Disponível em: <https://www.elheraldodechihuahua.com.mx/doble-via/la-leyenda-de-el-curro-el-fantasma-que-custodia-un-tesoro-en-los-cerros-de-santa-eulalia-10790175.html>. Acesso em: 23 nov. 2023.

uma pessoa desconfiada. Segundo o jornal, Curro teria decidido esconder sua fortuna em uma mina abandonada, para então regressar à Espanha e ver sua família.

Tras amasar una fortuna, en algún momento de su vida El Curro ocultó una gran cantidad de oro y plata, en un tiro de mina abandonado en los intrincados montes que rodean a Santa Eulalia, pues al parecer no tenía confianza en nadie de estas latitudes. Y luego emprendió un viaje de regreso a España, con el fin volver a ver a su familia y traer a un heredero o alguien que lo ayudara en la administración de sus empresas. Sin embargo, durante el largo trayecto murió. (El Heraldo de Chihuahua, 2023)

Atualmente, conforme o jornal *La Crónica de Chihuahua* (2018), circulam relatos de que o fantasma ainda vagueia nas minas abandonadas de Santa Eulalia: “*El Curro vaga por las ahora abandonadas minas de donde él extrajo oro a carretadas.*” (*La Crónica de Chihuahua*, 2018). Pessoas afirmam terem visto a aparição de um homem estranho, vestido com trajes da época colonial, que oferece seu tesouro em troca de um favor. Contam que: “*La promesa consistía en que el metal precioso, obtenido en la mina El Potosí, debía ser depositado en el templo de San Isidro, de Madrid, por un niño de menos de 7 años.*” (*La Crónica de Chihuahua*, 2018). Já outros contam uma versão mais macabra, como relata o blog *El humanista digital* (2021), Curro apareceria para os mineiros oferecendo-lhes; “*su fortuna a cambio de que le entregaran a su hijo primogénito.*” Estas são algumas versões dessa lenda, e cada pessoa acaba contando de uma forma diferente.

2.2. O fomento da literatura infantojuvenil no México: o caso de El Curro

El Curro, escrito por Catalina Fernández Mata e ilustrado por Liliane Infante Villa, foi publicado em 2000 pelo *Consejo Nacional de Fomento Educativo* (Conafe). Já conta com 11 reimpressões em 2022, para uso didático nas comunidades. Em *El Curro*, a lenda é narrada por um dos personagens, Manuel Cano, que vive em Santo Domingo, povoado próximo a Santa Eulalia, situada a uns 10 km da capital de Chihuahua. O personagem trabalha na mina como vigia, e durante suas rondas, Manuel Cano afirma ter se encontrado com o fantasma do Curro, que havia morrido muitos anos antes de Manuel ter passado a viver em Santo Domingo. Manuel só conheceu a lenda do Curro, através de seus colegas, quando passou a trabalhar nas minas da Línea Castilla durante a noite.

Na descrição feita pelos mineiros e colegas de Manuel, Curro era um homem muito rico, esbanjava sua riqueza para quem quisesse ver. Como descreve o livro, ele

o fazia no intuito de deixar seus vizinhos com inveja. Era um homem magro, alto, tinha um caráter ruim, era mão de vaca, ranzinza, não tinha amigos, estava sempre desconfiado dos outros, e se vestia de maneira elegante, sempre arrumado para uma festa. Assim,

tenía un genio de los mil demonios, era alto, delgado y bastante bien parecido; además, siempre vestía con un elegante traje negro y su inseparable bastón, cuya empuñadura tenía la cabeza de un águila de oro puro con ojos de rubíes, tan rojos como la sangre. Parecía estar siempre listo para irse a una fiesta, por eso le pusieron el Curro. (Mata, 2000 p.19.)

Durante suas cavalgadas, Curro descobre uma caverna escondida e resolve guardar seu tesouro nela, longe de todos. Acontece que, depois de esconder todo seu tesouro, um dos sacos cheios de ouro cai sobre ele e acaba matando-o. Seu fantasma aparece para algumas pessoas, e ele lhes oferece toda a sua fortuna em troca de um favor. Manuel Cano conta que Curro lhe oferece o tesouro, em troca, de retirar os ossos da mina e enterrá-lo, e também fazer uma doação à igreja. Manuel aceita o acordo, e leva os ossos e alguns sacos de moedas por garantia. Cumpre sua parte, faz o que a aparição pediu porém, nunca mais teve coragem de se encontrar com o morto novamente.

2.2.1.O Conafe (Consejo Nacional de Fomento Educativo)

As lendas, mitos e histórias sobre fantasmas que protegem algum tesouro são um tema recorrente em muitas culturas ao redor do mundo. Compõem uma narrativa intrigante e misteriosa, e que atrai muita gente. É a partir de lendas como essa que o Conafe, um organismo público e descentralizado da *Secretaría de Educación*, implementa, na década de 1980, a possibilidade de produzir seus próprios materiais.

O Conafe já desenvolvia serviços como: educação comunitária para o bem-estar (que oferece uma alternativa educativa voltada ao aprender), atenção à primeira infância (prestando apoio a mães, mulheres grávidas, pais e cuidadores), projetos comunitários (promovendo a cultura e a participação comunitária que fortalece o desenvolvimento integral de crianças, jovens e adultos), dentre outros. Na década de 1970, cria seu próprio acervo editorial e audiovisual disponível para crianças e adolescentes desfrutarem de textos literários. De acordo com informação disponível na própria página,

En el Conafe estamos seguros de que la lectura es un gran aliado del aprendizaje; pero también representa un espacio para convivir, compartir y dialogar entre iguales, entre los niños y las figuras educativas, entre los habitantes de las comunidades y el público en general. (Consejo Nacional de Fomento Educativo, 2022.).

Este órgão passou a publicar livros de literatura infantojuvenil que refletem a realidade das crianças das comunidades onde os serviços do Conselho chegavam e produziam materiais que apoiam as necessidades educativas e pedagógicas dos programas de educação comunitária. Os livros editados pela Conafe reúnem a tradição oral, ritos e costumes dos povos indígenas e rurais dessas comunidades.

O acervo inclui as séries *Fomento cultural* e *El viaje de Colibrí*, nas quais constam obras de autores consagrados como Octavio Paz, Juan Carlos Onetti, José Vasconcelos, Elena Garro, Bruno Traven, Edmundo Valadés, Elena Poniatowska, Alejandro Aura, José Donoso, Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Rubén Darío, Juan Rulfo, Juan de la Cabada e José Revueltas, entre outros. Essas obras são adaptadas para os leitores infantojuvenis, como por exemplo *Mi vida con la ola*, conto de Octavio Paz, adaptado para o público infantojuvenil por Elena Poniatowska.

A série *Hacedores de las Palabras*, inclui textos escritos e ilustrados pelas próprias crianças das comunidades. Dentro do seu catálogo editorial, possui ainda, livros de literatura infantojuvenil ilustrados por artistas mexicanos reconhecidos nacionalmente no país natal, como o ilustrador Fabricio Vanden Broeck. Nascido na Cidade do México, o artista teve suas ilustrações publicadas no *The New York Times*, *La Vanguardia*, entre outros. Fez ilustrações para os livros *El Zapatero* escrito por Rubén Fischer, *El Caminante*, escrito por Luis de la Peña e *El Guerrero Coyote Iguana* escrito por Jesús Paredes, todos publicados pelo Conafe.

O órgão publica textos que integram as séries de literatura infanto-juvenil *Así cantan y juegan*, *Educación ambiental*, *Literatura infantil*, *Tierra de tesoros* e *Es mío*. É garante que

Sin duda, nuestros libros han enriquecido no solo las actividades escolares de las comunidades, sino también han fomentado el gusto por la lectura en los alumnos, pero también en sus familias y en la misma gente de las comunidades, ya que recogen sus propias costumbres, por lo que nuestros lectores se reconocen en cada una de las historias que ahí se cuentan. (Consejo Nacional de Fomento Educativo, 2022.)

O Conafe conta com uma extensa equipe de escritores e ilustradores que colaboram nas publicações de seus livros, como: Gloria Morales Veyra, Óscar Muñoz,

Rodolfo Fonseca, Gabriel López, Felipe Ugalde, María Eugenia Jara, Ruth A. Rodríguez, Fabricio Vanden Broeck e muitos outros, que possuem vários contos publicados pela Conafe. Uma dessas colaboradoras é, precisamente, a autora da nossa obra em análise, *El Curro*, Catalina Fernández Mata, que conta com uma ampla lista de obras escritas junto à Conafe, dentre elas: *La concha del sapo*, *Yuma y los gigantes*, *El Curro*, *El malora del corral*, *La guacamaya*, *Zoológico de papel* e *Los delfines*.

Não existem muitas informações públicas sobre Catalina Fernández Mata, apenas é possível encontrar um pequeno texto que cita algo sobre sua vida acadêmica e profissional, sem muitos detalhes. Em um texto do tipo folheto, ou panfleto onde são divulgados lugar, horários de eventos da 48ª Feira do livro em Aguascalientes, no México, um pequeno parágrafo expõe que Catalina Fernández Mata, formada em pedagogia na Universidade Nacional Autónoma do México- UNAM (uma instituição de ensino superior pública mexicana e que ocupa uma posição de destaque no ranking mundial, baseada na extensa pesquisa e inovação da universidade), atua como escritora no Conselho Nacional de Fomento Educativo (Conafe), onde contribui com várias publicações, como mencionado acima. O folheto, informa que a autora participará de uma apresentação editorial e um *cuentacuentos*, uma contação de histórias, para apresentar o livro *El Curro*, publicado pelo Conafe.

As ilustrações de *El Curro* foram assinadas por Liliane Infante Villa, comunicadora gráfica especializada em ilustração, gravura e encadernação, mestra em Formação de Professores para o Ensino Secundário Obrigatório e Bacharelado, e licenciada em Comunicação Gráfica pela UNAM. Villa também teve suas ilustrações publicadas em obras como *La Ballena Azul*, escrita por vários autores e publicada pela Conafe; *Los derechos de las niñas y los niños*, também escrita por vários autores e publicada pelo Conafe; *Helga y las cigüeñas*, de Valentín Rincón; e *La reina y Solovino*, de Guillermo Samperio. Liliana foi finalista no concurso de cartazes da *Festa Major de Gràcia*, o maior festival de Barcelona. O prêmio foi concedido pela *Fundación de la Festa Major de Gracia*, em 2018. Seu cartaz fez parte dos dez finalistas e foi exposto na sala de exposições da prefeitura do bairro da Gracia. Também ganhou o terceiro lugar no XXV Catálogo de Ilustradores de Publicações Infantil e Juvenil, em 2015, concedido pelo Conselho Nacional de Cultura e das Artes, no México.

O acervo do Conafe está disponível na plataforma da Secretaria da Educação denominada *Tripulantes de la Lectura*, a qual fornece um acervo bibliográfico que pode ser desfrutado em qualquer lugar e momento. Os livros são organizados de acordo com os níveis de desenvolvimento de leitura das crianças, indicando a idade e níveis escolares adequados para cada livro. Com as obras disponíveis em forma digital, o programa fortalece as competências dos leitores dentro e fora da sala de aula.

CAPÍTULO III: *EL PUEBLO DE EL CURRO*: RELATO DE UMA TRAVESSIA

3.1. Breves apontamentos metodológicos

Encontrar uma obra literária infantil e juvenil da qual possamos fazer uma tradução e analisá-la, envolve um processo de indecisão, pois existe uma enorme variedade ao nosso dispor, e escolher uma entre tantas se torna uma tarefa difícil.

A escolha por traduzir *El Curro* (2000) foi feita à primeira vista, depois de ter passado por várias outras obras. O título chamou a atenção e despertou uma curiosidade em conhecer melhor a história. Depois da primeira leitura, foi feita a escolha de traduzi-la. Além de se tratar de uma obra baseada em uma lenda popular, a narrativa prendeu a atenção e despertou uma vontade de saber a história completa. Conforme comentado anteriormente, traduzir uma lenda é traduzir um pouco da cultura do outro.

O fato é que as lendas têm muito a nos oferecer como análise, os elementos culturais, a tradição popular etc. Depois de ler *El Curro* mais de uma vez, pudemos identificar alguns elementos que nos chamaram a atenção para o que seria um possível problema de tradução, a começar pelo título que de início pensamos em manter tal qual no original, a fim de deixar uma marca da cultura de partida. Porém, percebemos que mantê-lo não faria sentido para a língua de chegada, pois na língua espanhola, de acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola, *curro* tem as seguintes definições:

Tabela 1: definições 1

curro
<p>1. m. Gal. Recinto cercado a donde se conducen los caballos criados en libertad para enlazarlos y marcarlos con hierro.</p> <p>2. m. Gal. Fiesta popular que se celebra en el curro cuando se marcan con hierro los caballos criados en libertad.</p> <p>3. hipocorístico del n. p. Francisco, con el que se designa popularmente a los andaluces, que gozan de fama de majos.</p> <p>1. m. y f. coloq. majo. U. t. c. adj.</p> <p>2. m. Ast., Gal., León y Pal. pato (ll ave).</p> <p>Curro de currar.</p> <p>1. m. coloq. trabajo (ll acción de trabajar).</p> <p>2. m. vulg. Arg. estafa (ll acción de estafar).</p>

Fonte: elaboração própria a partir do dicionário da RAE online

De acordo com outro dicionário espanhol, *Diccionario del Español de México* (DEM), curro é definido como:

Tabela 2: definições 2

curro
<i>adj</i> 1 <i>Que viste con elegancia</i> 2 <i>Que le queda angosto o estrecho a alguien, tratándose de ropa: "Ese saco no te queda bien, te queda muy curro"</i>

Fonte: elaboração própria a partir do DEM online

Porém, esse adjetivo aparece em dicionários da língua portuguesa com um significado distinto ao que está se referindo na língua espanhola. Segundo o dicionário Caldas Aulete, o substantivo possui as seguintes acepções:

Tabela 3: definições 3

curro
1. Taur. Lugar anexo à praça ao qual se recolhem os touros antes e depois da corrida; CURRAL 2. Conjunto dos touros para uma corrida. 3. Bras. Gir. Bordel, prostíbulo. 4. Bras. Fig. Cópula violenta; CURRA 5. SP. Restr. Conjunto de senzalas. 6. Lus. Cavalo reprodutor; GARRANHÃO

Fonte: elaboração própria a partir do Dicionário Caldas Aulete online

O fato de existir uma definição no dicionário do português causa um falso cognato. Manter o título como está na língua de partida poderia causar uma confusão na língua meta. Partindo dessa problemática, passamos a buscar soluções que se enquadrassem nas características descritas do personagem, a partir de quais os motivos que levam a este apelido e que resultam em um problema de tradução de antroponímia.

Neste trabalho nos propomos a fazer uma tradução comentada da obra e, para isso, foram feitas algumas versões até chegar em uma tradução final. A primeira versão foi feita de maneira intuitiva e literal. Depois de alguns dias, relemos as traduções e fomos fazendo revisões que sugeriram algumas alterações para a segunda versão. Na versão final mudamos alguns aspectos, deixando o texto mais oralizado, retirando a formalidade. Desse modo pudemos identificar, no processo de tradução, alguns aspectos para serem analisados. A partir desses elementos, selecionamos alguns trechos para serem comentados no decorrer deste capítulo.

Partimos da premissa de que, como afirma Britto (2012), é impossível aqui fazer uma tradução completamente fiel ao original. Neste caso, levamos em consideração na realização da versão final da tradução, a sintaxe, o vocábulo e o nível de formalidade do texto, tentando escrever da melhor maneira o que parece importante no texto fonte.

3.2. Relato de uma tradução

Conforme relatado acima, o processo de tradução se iniciou com uma primeira versão mais despretensiosa. Nela se apresentam alguns aspectos de formalidade, dado que foi feita se mantendo mais fiel ao texto fonte. Na segunda versão, fizemos uma releitura mais detalhada a fim de extrair os elementos a serem analisados aqui. Revisamos a primeira versão e realizamos algumas alterações. À medida que fomos fazendo as revisões, muitas sentenças do texto foram mudando, como se mostra no quadro abaixo.

Exemplos:

Tabela 4: Processo de tradução 1

Texto fonte (Mata, 2000, p.5)	1ª versão (Brito, 2023)	2ª versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>Lo saludé, según se acostumbra en estos rumbos, me contestó amablemente y siguió de largo.</i>	O cumprimentei, segundo o costume por estas bandas, me respondeu amavelmente e seguiu sem pressa.	Como de costume por essas bandas, cumprimentei, ele me respondeu amavelmente e seguiu em frente.	Como é de costume por estas bandas, cumprimentei, ele me respondeu amavelmente e continuou em frente.

As primeiras versões costumam manter um elevado grau de literalidade, isto é, são muito próximos do texto fonte. Isto é possível observar no exemplo: “*Lo saludé, según se acostumbra en estos rumbos, me contestó amablemente y siguió de largo.*” Que numa primeira proposta, é resolvido como: “O cumprimentei, segundo o costume por estas bandas”. Essa versão toma uma forma literal do texto original. Já numa segunda proposta “Como de costume por essas bandas, cumprimentei”, há uma mudança na sentença. Na versão final “Como é de costume por estas bandas, cumprimentei”, a frase é mais oralizada. O pronome “esse”, na versão final, também sofre mudanças na revisão para “este”, pois o texto é narrado em primeira pessoa. O

personagem é quem está falando e, como tal, “estas” se refere ao que está próximo do personagem.

Outro exemplo:

Tabela 5: processo de tradução 2

Texto fonte (Mata, 2000, p.6)	1ª versão (Brito, 2023)	2ª versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>Había caminado unos cuantos pasos cuando, como arrepintiéndose, regresó y se presentó:</i>	Havia caminhado alguns passos quando, como se se arrependesse, voltou e perguntou:	Já tinha caminhado um pouco quando, como se tivesse se arrependido, voltou e se apresentou:	Já tinha se afastado um pouco quando, como se se arrependesse, deu meia volta e se apresentou:

No exemplo: “*había caminado unos cuantos pasos*”, a nossa primeira proposta foi “*havia caminhado alguns passos*”. Depois de uma revisão, optamos por “*já tinha caminhado*”, devido a se tratar de uma lenda, isto é, com linguagem popular, onde o auxiliar “*haber*” não é utilizado, ficando este relegado a um português mais elitizado ou rebuscado. Em mais uma nova revisão, semanas depois, optamos pela versão final “*já tinha se afastado*”, por considerar esta forma muito mais próxima de uma linguagem popular e oral, tal e como costumam ser veiculadas as lendas.

Outro exemplo:

Tabela 6: processo de tradução 3

Texto fonte (Mata, 2000, p.8)	1ª versão (Brito, 2023)	2ª versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>Yo soy muy platicador; solo necesito un pretexto para empezar a hablar y ya lo tenía. Comencé platicándole sobre la importancia de las riquezas obtenidas de las minas.</i>	Eu sou muito conversador/falante/tagarela; só preciso de um pretexto para começar a falar, e já o tinha. Comecei lhe contando sobre a importância das riquezas obtidas das minas.	Eu sou muito conversador/falante/tagarela; só preciso de um pretexto para começar a falar, e já o tinha. Comecei lhe contando sobre a importância das riquezas obtidas das minas.	Como um bom tagarela que sou, só preciso de um pretexto para começar a falar, e já o tinha. Comecei falando da importância das riquezas obtidas das minas.

Para o exemplo acima, “*Yo soy muy platicador; solo necesito un pretexto para empezar a hablar*”, foi proposto, na primeira e segunda versão: “*Eu sou muito*

conversador/falante/tagarela; só preciso de um pretexto para começar a falar”. Colocamos alguns adjetivos como opções de tradução para *platicador*, pois há várias alternativas como se pode traduzir. No entanto, optamos, na última versão, por “Como um bom tagarela que sou, só preciso de um pretexto para começar a falar”, mudando também para uma fala mais informal ao retirar o pronome “lhe”, que deixa o texto mais rebuscado, se afastando do modo popular de falar.

3.2.1. *El pueblo de El Curro*

No entanto, há um substantivo que, no nosso entender, é problemático no par linguístico ES>PT, que é “*pueblo*”. De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola (RAE), é definido como:

Tabela 7: definições 4

<i>pueblo</i>
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>m. Ciudad o villa.</i> 2. <i>m. Población de menor categoría.</i> 3. <i>m. Conjunto de personas de un lugar, región o país.</i> 4. <i>m. Gente común y humilde de una población.</i> 5. <i>m. País con gobierno independiente</i>

Fonte: elaboração própria a partir do dicionário da RAE online

Já de acordo com o Dicionário da Língua Espanhola do México (DEM):

Tabela 8: definições 5

<i>pueblo</i>
<p>1 conjunto de personas que habitan un territorio y tienen una cultura, unas tradiciones y unas formas de comportamiento comunes: el pueblo mexicano, el pueblo yaquí, el pueblo totonaca, un pueblo primitivo, el arte de un pueblo</p> <p>2 conjunto de los habitantes de un país, un estado o un territorio: el pueblo de Nicaragua, el pueblo nayarita</p> <p>3 cualquier conjunto indiferenciado de personas en un lugar determinado: gente del pueblo, rozarse con el pueblo</p> <p>4 conjunto de personas que forman la clase trabajadora, por oposición a los gobernantes, los capitalistas y los burgueses: “De esos acuerdos en la cúpula, el pueblo ni sabe nada ni se beneficia en nada”</p> <p>5 población que consta de un número reducido de habitantes y conjunto de construcciones o edificios que le son propios: el pueblo de Paso del Macho, los pueblos del estado de Tamaulipas, un pueblito de calles estrechas.</p>

Fonte: elaboração própria a partir do DEM online

Geralmente, “*pueblo*” pode ser traduzido para o português do Brasil como “povo”, “povoado”, “vilarejo”, “vila”, “aldeia”, “povoação”, “cidade” ou “região”. De

acordo com o dicionário Caldas Aulete, os substantivos mencionados têm as seguintes acepções no português:

Tabela 9: definições 6

Substantivos	Definições
aldeia	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pequena povoação, menor que a vila 2. Povoação de índios 3. Bras. Nos candomblés de caboclo, o local onde se realizam celebrações de cultos e as pessoas que delas participam 4. Bras. RS Conjunto de casas populares, ger. perto de quartéis, onde vivem as famílias dos soldados
cidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Área densamente povoada, onde se concentram residências, vias de transporte e os locais em que se dão várias atividades econômicas e sociais da população, e que se distingue das áreas rurais à sua volta. 2. área e população comparativamente grandes, que abriga intensa e extensa atividade comercial, industrial, cultural, administrativa etc. 3. O conjunto dos habitantes da cidade 4. Bairro que concentra as atividades comerciais e os serviços de uma cidade 5. Parte ou área determinada de uma cidade, com características (geográficas, arquitetônicas, econômicas etc.) definidas (<u>cidade baixa</u>; <u>cidade nova</u>)
povo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conjunto de pessoas que vivem num mesmo país e que estão sujeitas às mesmas leis 2. Os habitantes de uma localidade ou região 3. Conjunto de pessoas que não necessariamente habitam o mesmo país ou região, mas que são ligadas por laços culturais, linguísticos etc. 4. Grande número de pessoas 5. O conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre. 6. Fig. O conjunto de pessoas que pertencem à mesma família ou à mesma casa 7. Grupo de pessoas, gente, turma 8. Os seres humanos, as pessoas
povoado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Que se povoou, em que se formou povoação. 2. Em que há ou passa muita gente 3. Lugar com poucas casas, poucos habitantes
vila	<ol style="list-style-type: none"> 1. Povoação de importância inferior à da cidade e superior à da aldeia. 2. Bras. Conjunto de casas em rua secundária, de uma só entrada e sem caráter de logradouro público 3. Pequena aglomeração urbana no interior ou no litoral, com categoria inferior à de uma cidade 4. Bras. Conjunto de casas em rua com uma única saída, e sem caráter de logradouro público 5. Qualquer conjunto de casas agrupadas, para ocupantes de um mesmo ofício ou propósito
vilarejo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ref. a ou próprio de aldeia, povoado ou vila.

	2. Pequeno povoado ou aldeia.
região	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grande extensão de terras. 2. Território que se distingue de outros por características particulares de clima, produção, população, aspecto físico, posição geográfica etc. 3. Cada uma das partes em que se divide a atmosfera. 4. Geog. Cada uma das cinco regiões geográficas em que se divide o Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul; grande região.

Fonte: elaboração própria a partir do dicionário Caldas Aulete online

Já conforme o Dicionário Online de Português - Dicio, esses mesmos substantivos têm as seguintes definições:

Tabela 10: definições 7

Substantivo	Definições
aldeia	<ol style="list-style-type: none"> 1. 1 Pequena povoação menor que uma vila 2. Povoação de indígenas; aldeamento: aldeia de índios. 3. Local de reunião onde, no candomblé de caboclo, pessoas se reúnem, especialmente para celebrações. 4. Conjunto de habitações das famílias dos soldados.
cidade	<ol style="list-style-type: none"> 1. Povoação de maior amplitude e importância. 2. Aglomerado de pessoas que, situado numa área geograficamente delimitada, possui muitas casas, indústrias, áreas agrícolas; urbe 3. Conjunto dos habitantes, do poder administrativo e do governo da cidade. 4. Grande centro industrial e comercial 5. Parte central ou o centro comercial de uma cidade.
povo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conjunto das pessoas que vivem em sociedade, compartilham a mesma língua, possuem os mesmos hábitos, tradições, e estão sujeitas às mesmas leis. 2. Conjunto dos cidadãos de um país em relação aos seus governantes: um presidente que governa para o povo. 3. Conjunto de pessoas que, embora não habitem o mesmo lugar, possuem características em comum, falando de origem, religião etc. 4. Conjunto de indivíduos que constituem uma nação. 5. Conjunto de pessoas que compõem a classe mais pobre de uma sociedade; plebe.
povoado	<ol style="list-style-type: none"> 1. local habitado por um número reduzido de pessoas. 2. que se conseguiu povoar; que tem habitações; que se povoou. 3. que está repleto de pessoas.
vila	<ol style="list-style-type: none"> 1. Povoação de categoria inferior à de cidade, mas superior à de aldeia. 2. [Brasil] Alinhamento de residências que forma uma rua particular, geralmente sem saída pelos

	fundos, e cuja entrada se abre para uma via pública; avenida.
vilarejo	1. Vila pequena; lugar habitado por poucas pessoas 2. Característico de lugares pequenos, de vilas, de povoados ou de aldeias
região	1. Território que se diferencia de outro por possuir características próprias de população, localização, clima etc. 2. Designação das cinco grandes áreas por meio das quais o Brasil se divide: Região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. 3. Designação das camadas que dividem a atmosfera.

Fonte: elaboração própria a partir do DICIO online

Em outro dicionário, o Priberam, temos as seguintes definições para esses substantivos:

Tabela 11: definições 8

Substantivo	Definições
aldeia	1. Localidade pequena, e categoria inferior à de vila, sem jurisdição própria. 2. Vida rústica, por oposição à vida na cidade.
cidade	1. Povoação que corresponde a uma categoria administrativa (em Portugal, superior a vila), geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços 2. Conjunto dos habitantes dessa povoação. 3. Parte dessa povoação, com alguma característica específica ou com um conjunto de edifícios e equipamentos destinados a determinada atividade 4. Vida urbana, por oposição à vida no campo
povo	1. Conjunto dos habitantes de uma nação ou de uma localidade. 2. Pequena povoação. 3. Lugarejo. 4. Aglomeração de pessoas
povoado	1. Que se povoou; que tem população. 2. Que tem muitas pessoas, animais ou plantas. 3. Que está cheio de determinadas coisas 4. Lugarejo ou pequena localidade.
vila	1. Povoação, de categoria inferior à de cidade e superior à de aldeia. 2. Conjunto dos habitantes dessa povoação. 3. 4.
vilarejo	1. Povoação ou vila pequena
região	1. Grande extensão de país. 2. Território que se distingue por alguma apelidação: região alentejana; por circunstâncias climatéricas: região fria; por produções próprias: região vinícola; pelo aspecto: região

	<p>montanhosa; por condições particulares: região doentia etc.</p> <p>3. Divisão territorial administrativa, englobando vários municípios.</p> <p>4. Espaço.</p>
--	--

Fonte: elaboração própria a partir do Priberam Dicionário online

O substantivo em questão aparece no texto dez vezes no conto. A seguir, passamos a relatar nossa travessia tradutória pelo “*pueblo*” de *El Curro*:

Tabela 12: Processo de tradução 4

Texto fonte (Mata, 2000)	1ª Versão (Brito, 2023)	2ª Versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>Yo soy Manuel Cano y este es mi pueblo,</i>	Eu sou Manuel Cano e este é meu povo	Eu sou Manuel Cano e esta é minha vila	Me chamo Manuel Cano, e este é meu povoado
<i>la primera que se fundó en el pueblo, es la mía.</i>	uma delas, a primeira que se fundou no povoado , é a minha.	uma delas, a primeira que foi fundada na vila , é minha.	uma delas, a primeira a ser fundada no povoado , é minha.
<i>También le comenté que las minas más cercanas al pueblo son las de la ruta llamada Línea Castilla,</i>	Também comentei que as minas mais próximas ao povoado são as da rota chamada Linha Castilha	Também comentei que as minas mais próximas à vila , são as da rota chamada Linha Castilla	Também comentei sobre as minas mais próximas ao povoado , as da rota chamada Línea Castilla
<i>la más cercana al pueblo, hasta la Mina Vieja, la más alejada.</i>	a mais perto do povoado , até a Mina Velha, a mais afastada	a mais perto da vila , até a Mina Velha, a mais afastada	a mais perto do povoado até a Mina Vieja, a mais afastada.

Nestes exemplos acima, o substantivo “pueblo” foi traduzido, na primeira versão, tomando uma forma mais literal do texto, se mantendo em sua maioria por “povoado”. Logo após, na segunda versão, depreendemos que “vila” supriria as características a que se refere o vocábulo. No entanto, revisando uma última vez, voltamos atrás com “povoado”, que, segundo os dicionários, se caracteriza como um lugar com poucas casas e poucos habitantes. Assim, consideramos um equivalente que corresponde ao lugar em questão, no caso, Santo Domingo. A escolha por “povoado”, nessas aparições, foi feita pelo fato de fazer referência a um lugar citado pelo narrador, Santo Domingo.

Tabela 13: processo de tradução 5

Texto fonte (Mata, 2000, p.5)	1ª Versão (Brito, 2023, p.5)	2ª Versão (Brito, 2023, p.5)	Versão final (Brito, 2023, p.5)
2. <i>uno de tantos pueblos mineros que tiene Chihuahua.</i>	um dos tantos povos mineradores que tem Chihuahua.	uma das tantas vilas mineradoras que têm em Chihuahua.	um dos muitos povos mineiros que tem na cidade de Chihuahua, no México.

Nesta segunda aparição, *pueblos* agora no plural, foi traduzido, na primeira versão, por “povos”, pois, como dito anteriormente, esta foi feita de forma literal. Já na segunda versão, por uma confusão de sentidos, optamos por trocar o substantivo por outro, “vila”, que, depois de revisarmos, vimos que faz referência às pessoas que vivem em Santo Domingo. Por este motivo, retomamos ao que substantivo “povos”, já que se trata do povo mineiro, habitantes de Chihuahua.

Tabela 14: processo de tradução 6

Texto fonte (Mata, 2000)	1ª Versão (Brito, 2023)	2ª Versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>tal vez pensó que estaba hablando con el loco del pueblo</i>	talvez tenha pensado que estava falando com o louco do povoado	talvez tenha pensado que estava falando com o louco da vila ,	talvez tenha pensado que estava falando com o louco da cidade
<i>el velador del último turno se había marchado del pueblo diciendo que nunca regresaría.</i>	o guarda do último turno tinha se mandado do povoado dizendo que nunca regressaria.	o vigia do último turno tinha se mandado da vila dizendo que nunca voltaria.	o vigia do último turno tinha se mandado da cidade dizendo que nunca voltaria.

Nos exemplos acima, levamos em consideração o uso da fala, traduzindo o substantivo por uma forma mais oralizada, levando em conta a maneira como falamos de onde moramos, que geralmente é referenciado como “cidade” independente das características geográficas do lugar. Para isso, levando em questão a narração do texto, que é feito em primeira pessoa, foi decidido como solução tradutória para “*Pueblo*” nos exemplos acima o substantivo “cidade”.

Tabela 15: processo de tradução 7

Texto fonte (Mata, 2000, p.12)	1ª Versão (Brito, 2023)	2ª Versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>Llegué a este pueblo cuando era muy joven, más que tú</i>	Cheguei a este povoado quando era muito jovem, mais que tu	Cheguei a este povoado quando era muito jovem, mais que tu	Cheguei nessa região quando era muito jovem, mais que tu

Neste caso, “pueblo”, na primeira e na segunda versão, foi traduzido por “povoado”, depois de revisar chegamos à conclusão de que o substantivo “região” melhor se enquadra como solução tradutória nesta aparição, pois levamos em consideração a várias possibilidades no qual se pode traduzir o substantivo em análise.

Tabela 16: processo de tradução 8

Texto fonte (Mata, 2000, p.12)	1ª Versão (Brito, 2023)	2ª Versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>En el pueblo empezó a correr el rumor de que un ánima se aparecía por el rumbo de las minas</i>	<i>Na região começou a correr o rumor de que uma alma aparecia nas bandas das minas</i>	<i>Na região começou a correr o rumor de que uma alma aparecia no rumo das minas.</i>	<i>Na redondeza começou a correr o rumor de que uma alma aparecia no rumo das minas.</i>

Neste outro exemplo, aproveitando a polissemia do substantivo em questão, buscamos aproximar o texto da fala, no qual a solução final foi traduzida por “redondeza” por ser uma forma comum na fala.

Tabela 17: processo de tradução 9

Texto fonte (Mata, 2000, p.6)	1ª Versão (Brito, 2023)	2ª Versão (Brito, 2023)	Versão final (Brito, 2023)
<i>me he ganado el derecho de llamarlo mi pueblo.</i>	ganhei o direito de chamá-lo de meu povo .	ganhei o direito de chamar de minha vila .	ganhei o direito de chamar minha terra

Assim como nos exemplos anteriores, este também foi traduzido por “minha terra” na versão final, aproveitando a polissemia do substantivo, e também puxando para um texto mais oralizado, é que chegamos a esta solução.

3.3. Antropônimos (em tradução)

De acordo com o dicionário Caldas Aulete², um antropônimo pode ser definido como: “(an.tro.pô.ni.mo) sm.1. Nome próprio de pessoa. [F.: antrop(o)- + -ônimo.]” e “Nomes próprios; designação de pessoas, seres ou coisas. [Gramática] algumas palavras derivam da junção destes nomes”. De acordo com o dicionário DICIO³, antropônimo deriva do grego “ánthropos”, designação de homem, e “ónyma” ou “ónoma”, que significa “nome”.

Amaral e Seide (2020), definem a antroponímia como o estudo dos nomes próprios de pessoas, tal como os nomes individuais, parentais, sobrenomes e apelidos. O nome próprio, seja de pessoa ou lugar, registra e perpetua as crenças, valores e origens de grupos sociais, assim como da sociedade em diferentes momentos de sua história, com suas ideologias, devoções, motivações, modismos e valores. Conforme Amaral e Seide (2020), o estudo dos nomes próprios, além da dimensão linguística dos sinais antroponímicos e toponímicos, envolve considerações sobre particularidades relacionadas, como questões históricas e ideológicas, incluindo processos de renomeação.

O nosso nome faz parte do cotidiano. A todo momento falamos o nome de alguém, nos apresentamos, de maneira formal ou informal, chamamos alguém, coisas cotidianas que fazem parte da rotina de qualquer cidadão, como apontam Amaral e Seide (2022). O nome faz parte das nossas vidas desde o nascimento e o carregamos até morrer. Funciona como identificação, uma referência ao sujeito. Esse fenômeno dos nomes próprios também tem um nome, conforme a classe dos que se denominam antropônimos, vocábulo que, justamente, significa nomes próprios de pessoas ou seres humanizados.

² Dicionário Caldas Aulete Disponível em: < <https://www.aulete.com.br/antrop%C3%B4nimo> > Acesso em: 04 dez. 2023.

³ Dicionário online DICIO Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/antrop%C3%B4nimo/>>. Acesso em: 04 dez. 2023.

O interesse pelos nomes próprios é antigo. Ao identificar os deuses e faraós em suas inscrições, os egípcios diferenciavam os nomes comuns dos nomes próprios, há pelo menos de cinco a seis mil anos. Amaral e Seide (2022) afirmam que o interesse pelos nomes próprios pode ser encontrado em mitos, lendas e textos literários criados há milhares de anos, como nas passagens bíblicas, em que os autores se preocupam em explicar a origem de determinados nomes. Já o interesse pelo estudo específico dos nomes próprios, têm suas características exclusivas e são mais recentes.

De acordo com Amaral e Seide (2022) os nomes de santos, escritos na Bíblia, sempre tiveram importância na atribuição de nomes cuja origem se relaciona com o cristianismo. Esses nomes estão até hoje entre os mais escolhidos.

“Em muitos países europeus, grande parte dos estudos iniciais se concentram na pesquisa da origem dos nomes, isto é, em aspectos etimológicos, observando-se a evolução dos nomes ao longo do tempo e das línguas” (Amaral e Seide, 2022, p.34). Esses dois autores enfatizam que, no século XX, a partir da influência dos diversos campos linguísticos, foi que os pesquisadores começaram a estudar os nomes próprios, considerando aspectos gramaticais, sociais, discursivos etc., com a atenção voltada para os nomes nacionais. Conforme Amaral e Seide (2022),

Considerando que os nomes próprios fazem parte da língua e que, em cada idioma, esses elementos apresentam características próprias (embora algumas possam ser compartilhadas quando se pensa em idiomas próximos), é preciso conhecê-las para que textos com nomes próprios sejam traduzidos de modo adequado. Percebe-se, assim, a relação existente entre Antroponomástica e Tradução, também em se tratando de textos literários, entre a Antroponomástica literária. (Amaral, Seide, 2020, p.41)

A tradução sempre envolve uma infinidade de obstáculos e complexidades que muitas vezes estão além do nosso controle. Um dos problemas encontrados em praticamente todas as traduções são os nomes próprios. Existem diferentes tipos de nomes próprios: nomes de pessoas, nomes de lugares, nomes de empresas, nomes de produtos etc. Frequentemente, esses nomes são encontrados em tradução e é possível se perguntar se foram traduzidos ou como.

Na tradução literária, é mais lógico e conveniente traduzir os nomes de personagens específicos. Esses nomes geralmente são escolhidos com um propósito, não aleatoriamente, porque o autor queria que assim fossem chamadas as entidades a que se referem. Muitos são escolhidos com um propósito específico em mente e

geralmente estão relacionados a traços específicos do personagem, por exemplo, como personalidade ou características físicas.

Jacques Derrida (2006) afirma que os nomes próprios permanecem sempre intraduzíveis, partindo do fato que não pertencem à língua. Já quando se traduzem, não poderiam mais ser percebidos como nomes próprios.

Ficar-se-ia então tentado a dizer primeiramente que um nome próprio, no sentido próprio, não pertence propriamente à língua; ele não pertence a ela, *ainda que e porque* seu apelo a torna (e) possível (que seria uma língua sem possibilidade de apelar ao nome próprio?); conseqüentemente ele não pode se inscrever propriamente na língua senão deixando-se nela traduzir, isto é, *interpretar* no seu equivalente semântico: desde esse momento ele não pode mais ser recebido como nome próprio. (Derrida, 2006, p.22)

Um nome próprio é uma unidade linguística sem características semânticas que identifica uma classe que faz parte do repertório linguístico do falante e que pode referir-se a uma única unidade no mundo do conhecimento. No texto escrito, as letras maiúsculas iniciais são símbolos gráficos, usados para identificar essa unidade.

De acordo com Amaral e Seide (2020), a possibilidade de um ser receber um nome próprio está relacionada a questões históricas, jurídicas, administrativas, sociais e até mesmo pessoais. Fazem parte do conjunto de antropônimos: prenomes, também primeiro nome ou nome de batismo, podendo ser simples ou composto; sobrenomes, que sucedem o prenome e são denominados do nome de família, geralmente, transmitidos de pais para filhos; o apelido ou alcunha atribuído geralmente por outra pessoa, aludindo a alguma característica física, intelectual ou, ainda, a um fato ou comportamento social; o hipocorístico, que pode ser formado a partir de uma alteração morfológica, como abreviação, diminutivo, aumentativo, etc.; o agnome, um subtipo especial de nome formado por itens como Filho, Neto, Sobrinho, Júnior, usado para determinar a ascendência do nomeado; além de outros, como pseudônimo, heterônimo, nome artístico, nome religioso e nome social.

A dificuldade de tradução com relação à antroponímia não se restringe somente aos nomes próprios de pessoas; ela coincide com a que aparece na toponímia, que tem como objetivo o estudo dos nomes de lugares, enunciados linguísticos que identificam espaços de áreas rurais (como rios, córregos, montanhas, serra etc.) e urbanas (como cidades, vilas, povoados etc.). Ocorre algo semelhante ao que se dá no caso do substantivo *pueblo*, vocábulo cuja tradução *a priori* parece simples, mas que pode ser bem mais polissêmico do que imagina.

3.3.1. El Curro

Conforme vimos, de acordo com o jornal *El Heraldo de Chihuahua*, Erasmos Núñez, nascido em algum lugar da Espanha, migrou ao México no século XVII. Era conhecido como *El Curro* porque “*se convirtió en un hombre adinerado. Y de ahí viene su apodo de El Curro, palabra que quiere decir ‘trabajo’ o bien ‘estafa’ y era una palabra que aludía a una persona adinerada*” (*El Heraldo de Chihuahua*, 2023). Já segundo o livro de Catalina Fernández (2000), o apelido se deve ao fato de que “*parecía estar siempre listo para irse a una fiesta, por eso le pusieron el Curro.*” (Mata, 2000, p.19).

Na cultura espanhola, Curro é um hipocorístico de Francisco. Segundo o jornal COPE⁴, na verdade é uma abreviatura que vem de “*Paco*”, especificamente de “*Pacorro*”, e, para evitar a homonímia com “*corro*” resultou em “*curro*”, Há registros de pessoas apelidadas assim, como é o caso do ex-jogador de futebol Cristóbal Emilio Ruiz, que apesar de não se chamar Francisco, leva o apelido de Curro Torres. Sobre ele, diz, em entrevista ao jornal *La Voz de Galicia*, não saber o motivo do apelido, mas que o tem desde que se lembra. Além do mais, o jornal ainda o descreve como “*un hombre afable, educado, con sentido del humor*” (Buján, 2020).

No México, este apelido retoma as características físicas, como o modo de vestir. Segundo definição do dicionário DEM, esta palavra se classifica como adjetivo por tratar daquele que se veste com elegância, que é vistoso.

De acordo com o conto da autora Catalina Fernández, Curro é descrito como

el más rico, tenía un genio de los mil demonios, era alto, delgado y bastante bien parecido; además, siempre vestía con un elegante traje negro y su inseparable bastón, cuya empuñadura tenía la cabeza de un águila de oro puro con ojos de rubíes, tan rojos como la sangre. La gente decía que parecía estar siempre listo para irse a una fiesta, por eso le pusieron el Curro. (Mata, 2000, p.19).

E mais adiante como:

El Curro era codo para pagar a sus trabajadores, pero si alguno de sus vecinos hacía una fiesta, él organizaba otra mejor con la única intención de que los demás vieran que tenía mucho más dinero que sus vecinos... Había días en que amanecía de buenas y no les gritaba a sus trabajadores, pero aun así nadie se confiaba, pues el Curro era igual que el

⁴ Disponível em <https://www.cope.es> Acessado: 11/12/2023.

viento: en un instante podía cambiar. Entonces desquitaba su enojo con quien tuviera cerca.” (Mata, 2000, p.20),

Em outro momento, é descrito como: *“lo tacaño y desconfiado que era el Curro,”* (Mata, 2000, p.25.)

No nosso entender, Curro era muito rico, mesquinho e elegante, porém exagerado, e se achava melhor que todos. Na literatura brasileira, para melhor entender o apelido do personagem, consideramos que deveríamos utilizar uma estratégia domesticadora. Isso se deve a que Curro, assim como na obra de Machado de Assis *Dom Casmurro* (1899), não é um apelido derivado do nome próprio (como acontece em inúmeras ocasiões na língua espanhola, em que: Paco, Pancho e Fran, igual a Curro, são apelidos de Francisco). Neste caso, o nome do protagonista não é Francisco, mas Erasmos Núñez, segundo a lenda, e este apelido foi-lhe dado por seus conhecidos por ele: 1. *“era el más rico, tenía un genio de los mil demonios, era alto, delgado y bastante bien parecido “ser rico, alto, magro,”;* 2. *“vestía con un elegante traje negro y su inseparable bastón”;* e 3. *“parecía estar siempre listo para irse a una fiesta”* (Mata, 2000, p.19)

De acordo com buscas feitas nos seguintes dicionários de língua portuguesa (*Caldas Aulete, Dicio - Dicionário Online de Português e Dicionário Priberam online de Português*), encontramos alguns adjetivos compatíveis com o personagem. São eles:

Tabela 18: definições 9

Adjetivos	Definição caldas aulete	Definição Dicio	Priberam
almofadinha	1 Bras. Pop. Homem que se veste com excessivo apuro	1. rapaz que exagera no apuro para se vestir; aquele que se preocupa muito com a própria aparência.	1. [Brasil] Indivíduo que se veste de modo afetado, com demasiado esmero
casquilho	1. Que anda vestido no rigor da moda ou muito enfeitado	1. rapaz que exagera no apuro para se vestir; aquele que se preocupa muito com a própria aparência. 2. Homem que se veste no rigor da moda	1. Que ou aquele que se veste com demasiado apuro ou enfeites.
dândi	1. Homem que se veste com requinte 2. P.ext. Homem de delicadeza afetada e presumida	1. Aquele que se veste elegante e requintadamente. 2. quem se veste ou tem um comportamento afetado e excessivamente delicado.	1. Indivíduo afetado na maneira de trajar, de andar e de se comportar.

frajola	1. Bras. Pop. Que se veste com apuro exagerado, muito bem vestido; de faceirice amalandrada 2. Pessoa que se veste com tal apuro.	1. quem se veste ou tem um comportamento afetado e excessivamente delicado. 2. Pessoa que se veste exageradamente bem. 3. Brasil. Uso Popular. Designação comum atribuída a um personagem de desenho infantil.	1. Que ou quem se veste e se comporta de forma exageradamente elegante e afetada
garrido	1. Que é exuberante, vivo, vistoso; ALEGRE; CHAMATIVO 2. Que tem elegância, graça; ELEGANTE; GALANTE; 3. Que tem muitos enfeites; ADORNADO	1. Brasil. Uso Popular. Designação comum atribuída a um personagem de desenho infantil. 2. Que demonstra exuberância; exuberante, alegre: cores garridas. 3. Em que há elegância e graciosidade; elegante. 4. Que chama a atenção ou se destaca; vistoso.	1. Que quer agradar; bem-composto. 2. Donairoso, elegante. 3. Vistoso; alegre. 4. Vivo, berrante, forte.
janota	1. Que dá muita importância à aparência, esmerando-se excessivamente no vestir. 2. Que é elegante.	1. Que chama a atenção ou se destaca; vistoso. 2. Que se preocupa excessivamente com sua própria aparência; que se veste de modo afetado. 3. Que demonstra elegância; que se destaca por ser elegante.	1. Que ou aquele que se veste com demasiado apuro ou enfeites. 2. Que tem elegância.
peralvilho	1. Indivíduo afetado, que se veste e age com esmero excessivo	1. Que demonstra elegância; que se destaca por ser elegante.	1. Que ou quem é afetado ou tem muito esmero na maneira de trajar, de andar e de se comportar.
pimpão	1. Que é vaidoso. 2. Que se veste com afetação 3. Que é gabola, fanfarrão	1. Que demonstra elegância; que se destaca por ser elegante. 2. Que expressa uma vaidade excessiva; vaidoso. 3. Que se veste com afetação, que exagera na elegância. 4. Que se orgulha de uma valentia e	1. Valentão; fanfarrão. 2. Engalanado, festivo.

		coragem que não possui 5. Indivíduo vaidoso	
taful	1. Que se veste e arruma com exagerado esmero 2. Luxuoso, elegante 3. Alegre, festivo 4. Jovial, folgazão	1. Indivíduo vaidoso	1. Que ou quem se veste com trajes vistosos, garridos. 2. Que ou quem é afetado ou tem muito cuidado na maneira de trajar, de andar e de se comportar. 3. Que ou quem é dado aos prazeres ou aos divertimentos. 4. Que inspira alegria ou diversão.

Fonte: elaboração própria a partir dos dicionários Caldas Aulete, Dicio e Priberam, todos online

Podemos ver o uso dessas palavras em alguns textos literários brasileiros, como nos seguintes exemplos:

Estávamos no baile. Eu, nesse tempo, era um verdadeiro **pintalegrete**. Envergava a melhor casaca, esticava a melhor calça, derramava os melhores cheiros. Mais de uma dama suspirava em segredo por mim, e às vezes nem mesmo em segredo... (O anjo das donzelas - Machado de Assis, 1864, p.7).

Todos os domingos, aí pelas nove horas, lá batiam à porteira da casa do "postal"; não entravam no corpo da habitação e, pelo corredor que mediava entre ela e a vizinha, dirigiam-se ao grande tamarineiro, aos fundos do quintal, debaixo do qual estava armada a mesa, com os seus tentos, vermelhos e pupilas negras, de grão de aroeira, o seu baralho, os seus pires, um cálice e um litro de parati, ao centro, muito **pimpão** e arrogante, impondo um cínico desafio às conveniências protocolares. (Clara dos Anjos - Lima Barreto, 1922, p.4)

A dança não era então como atualmente desfatio ou pretexto de conversa, mas uma arte que se cultivava com esmero, e dava ao corpo a flexibilidade das formas e o donaire dos gestos e maneiras; qualidades estas indispensáveis em uma época em que o vestuário elegante e **garrido** obrigava o homem, sob pena de ridículo, a ter a perna bem torneada, o talhe esbelto, e a rasgar uma cortesia exatamente copiada dos mais belos modelos da corte de D. João II. (As Minas de Prata - José de Alencar, 1865, p.121)

Leôncio pegou na isca e voltou à pátria um perfeito **dândi**, gentil e elegante como ninguém, trazendo de suas viagens, em vez de conhecimentos e experiência, enorme dose de fatuidade e petulância e um tão perfeito traquejo da alta sociedade, que o tomaríeis por um príncipe. (A escrava Isaura - Bernardo Guimarães, 1875, p.5)

- Ora sebo! – E abrindo os braços – Aí está! Queres, talvez, o teu retrato, de casaca, gravata branca, com a tua idiota face de **janota**, destacando sobre uma cortina escarlate; caixilhos de Margoteau e admiração das primas! (A tragédia da rua das flores – Eça de Queirós, 1980, p.176)

Atordoado, Sebastião do Rego ainda não se recobrava do seu deslumbramento, quando, inesperadamente, com chocante solenidade, surge na sala o Secretário da Governança. É o velho e hirto Gervásio Pires

Rebelo. Entra muito vistoso e **taful**. Traz a casaca nova, forrada de tafetá acamurçado, veste carmesim de chamalote, calções com fitarias. Vem acompanhado, pomposamente, por dois soldados da guarda. (Os irmãos Leme - Paulo Setúbal, 1932, p.42)

A grenha inextricável do africano chucro contrastava com a cabeleira de rabicho, empoada e em volta de um cadarço de gorgorão rematando numa laçada, do **peralvilho** rico; a alpercata de couro cru estalava rudemente junto do sapato fino, pontiagudo, cravejado de pérolas, do reino **casquilho**, graciosamente bamboleante com o andar que ensinavam os "mestres de civilidade"; o cacete de guarda-costas vibrava próximo do bastão de biqueira de ouro, finamente encaestado; e o facão de cabo de chifre, do mateiro, fazia que ressaltassem, mais artísticos, os brincos de ourivesaria dos floretes de guarnições luxuosas dos fidalgos recém-vindos. (Contrastes e Confrontos - Euclides da Cunha, 1975, p.18)

Considerando todas as características de *Curro*, tanto as descritas no livro como os motivos desse apelido na lenda, buscamos um adjetivo que fosse compatível com elas. A princípio, pensamos deixar o título como o original, assim como acontece com *Zorro* (1919). No entanto, como já foi colocado anteriormente neste capítulo, a palavra *curro* do espanhol também possui um significado em português, como definido na tabela 3, diferente do espanhol, como aparece nas tabelas 1 e 2. Esse adjetivo é, portanto, um falso cognato, e mantê-lo poderia causar uma incongruência para os leitores na língua meta. Por esse motivo, listamos alguns adjetivos, como mostra a tabela 16, os quais possuem características semelhantes àquele que nos é apresentado no livro.

A discussão sobre qual seria, então, o apelido domesticado para *Curro* ficou dividida, pois estávamos em um embate entre “janota” e “taful”. A autora deste trabalho, defendia veemente “taful”, por ter a mesma quantidade de sílabas que “*curro*”, em oposto um outro adjetivo que considerávamos mais adequado ao propósito do apelido era o adjetivo “janota”. Apesar de defender fortemente “taful” como equivalente para a nossa tradução, uma característica que aparece nos dicionários sobre esse adjetivo é a alegria, jovialidade e diversão, coisa que nosso personagem não esbanja. Pelo contrário, ele é ranzinza e solitário.

Perante o impasse, levamos a questão a opinião pública; já que a história é originalmente uma lenda popular, e saber a opinião do público é importante. Fizemos uma enquete no Instagram, onde listamos as características do personagem e pusemos todas as opções para serem votadas. Os adjetivos com maior número de votantes foram “pimpão” com doze votos e “almofadinha” com onze votos. A palavra “taful”, recebeu três votos e “janota”, nenhum. Consideramos que essas maiorias de

voto se dão pelo fato de serem adjetivos de que os participantes da enquete já têm conhecimento e que já ouviram ou já usaram alguma vez. Isso deixou as opções restantes com poucos ou nenhum voto, pois as pessoas tendem a escolher aquilo que já conhecem.

O processo foi resolvido como segue: a não escolha dos adjetivos “almofadinha”, “pimpão”, “dândi” e “frajola”, que são conhecidos popularmente, inclusive o termo “frajola” está atribuído a um personagem de desenho infantil, se deveu a que suas definições tendem para uma pessoa delicada; já “casquilho”, “garrido” e “taful” possuem características de pessoas alegres, muito coloridas, enfeitadas demais, diferentes de *Curro*, que se destaca por sua elegância. Assim, o que melhor define *Curro* no português é o adjetivo “janota”, que foi escolhido.

Considerações finais

O intuito deste trabalho foi realizar uma proposta de tradução do espanhol para o português do livro *El Curro* (2000). Sabemos que os textos literários não são passíveis de traduções literais, pelo fato de este tipo de gênero possuir características linguísticas ambíguas. Na literatura infantojuvenil, às vezes é preciso que o tradutor intervenha para domesticar ou, até mesmo, explicar alguns pontos na obra para o público-alvo.

Nosso intuito era analisar essa diversidade de significados que uma única palavra numa determinada língua pode expressar em outra. Chegamos à conclusão de que repetir o mesmo vocábulo durante todo o texto o torna anafórico, mas, compreendendo a gama de sinônimos que temos na nossa língua, podemos usar várias palavras para nos referir a uma única coisa. Com isso, fizemos uma tradução utilizando vários dos substantivos correspondentes a *pueblo*.

O texto apresenta muitas mudanças de sentenças nas versões propostas. Isso se dá pelo fato posto por Britto (2012), de que é impossível transcrever um texto literário palavra por palavra. Mesmo que na primeira versão tenhamos feito uma tradução de forma literal, ainda assim palavras como *espantatarugos*, que no português traduzimos para “histórias para boi dormir”, precisam se tornar equivalentes que funcionam no texto.

Finalmente, destacamos termos conseguido encontrar um equivalente para o título que corresponde às características do personagem, o que consistiu em um dos maiores problemas de tradução defrontados. A solução se deu através de uma pesquisa rigorosa em vários dicionários de espanhol e do português, e a comparação das características das soluções encontradas, para transmitir da melhor maneira as ideias do texto original na língua meta.

Referências

- AMARAL, E.T.R. SEIDE, M.S. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.
- AMARILHA, Marly. TAVARES, D.S.S. FREITAS, A.C. **Educação e leitura formar leitores, formando-se**. Natal: DUFRIN, 2019.
- BASSNETT, S. **História da tradução literária**. Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina. Tradução: Viviana Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 75-127, 2003.
- BERMAN, A. **A tradução e seus discursos**. Tradução: Marlova Aseff. Alea, vl.11, nº2, p.341-353, julho-dezembro, 2009.
- BEYARD, J.P. **História das lendas**. Tradução: Jeane Marillier. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Casting mores, 2002. Disponível em: www.ebooksbrasil.com
- BRANDÃO, L. A. Teoria literária e tradução. Cadernos de Tradução, v. 1. n. 23. 2009, pp. 9-21. Disponível em: <<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/12196>>> Acesso em 10/12/2023.
- BRITTO, L.P.L. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. 1ªed. Pulo do Gato, 2015.
- BRITO, P.H. **A tradução literária**. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CATFORD, J. C. Tradução: definição e tipos gerais. **In Uma Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontifícia Universidade de Campinas, pp. 22-28, 1980.
- COELHO, N. N. O conto de fadas: Símbolos-Mitos-Arquétipos.1ªed. São Paulo: Paulinas, 2008.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FILIPPE, R. **As lendas, mitos e tradição oral como recurso pedagógico no processo de construção do conhecimento**. Relatório de Estágio Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e em português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico. 2017.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: 5ª ed. Brasiliense, 1982.

LENDAS E MITOS DO BRASIL. Belo Horizonte: Tela e texto, 2007.

MARIANI, Bethania. Nome próprio e constituição do sujeito. Letras, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 131-141, jan./jun. 2014.

NIDA, E. ***El desarrollo de una teoría de la traducción. El Escorial: La traducción en perspectiva. San Jerónimo. Revista del Instituto Universitario de Lenguas Modernas y Traductores. Universidad Complutense de Madrid. Disponible en el Centro virtual Cervantes.*** 4-5, p. 53-63. (1996-1997).

OUSTINOFF, M. **Teorias da tradução**. Tradução: história, teoria e métodos. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 53-60, 2011.

PAZ, Octavio. ***Traducción: literatura y literalidade. Barcelona: Tusquets, 1971.***

PYM, A. **Explorando teorias da tradução**. Tradução: Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faver, Juliana Steil. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SOARES, A. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: ática, 2007.

STALLONI, Y. **Os gêneros literários: a comédia, o drama, a tragédia, o romance, a novela, os contos, a poesia**. Tradução: Flávia Nascimento. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

Links, dicionários e corpora

AULETE. **Dicionário Online Caldas Aulete**. Disponível em: <<https://aulete.com.br/index.php>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BROECK, Fabricio Vanden. **Fabricio Vanden Broeck**. Disponível em: <https://fabriciovandenbroeck.com/?page_id=229&lang=en#display>. Acesso em 1 dez. 2023.

CONSEJO NACIONAL DE FOMENTO EDUCATIVO. **Acervo Editorial del Consejo Nacional de Fomento Educativo**, 2022. Disponível em: <<https://www.gob.mx/conafe/acciones-y-programas/27289>>. Acesso em: 11 nov. 2023.

DEM. **Diccionario del Español de México**. Disponível em: <<https://dem.colmex.mx/Inicio>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://aulete.com.br/index.php>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

DRAE. **Diccionario de la Real Academia Española**. Disponível em: <<https://dle.rae.es>>. Acesso em: 12 dez.2023.

EDITORIAL, Ica. **Programa 48 Feria Del Libro**. *Issuu*, 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/icaeditorial/docs/programa48feriadellibro/32>>. Acesso em 23 nov. 2023.

GOBIERNO DE MÉXICO. Disponível em: <<https://www.gob.mx/>>. Acesso em: 05 nov. 2023.

INFANTE, Liliana. Perfil profissional. **LinkedIn**. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/in/lilianainfante/?originalSubdomain=es>>. Acesso em: 2 nov. 2023.

PRIBERAM. Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

TRIPULANTES DE LA LECTURA. *Biblioteca Digital Infantil*. Disponível em: <<https://tripulantes.sep.gob.mx/ayuda>> . Acesso em: 13 set. 2023.

PROJETO AC/DC. corpo obras. Disponível em: <<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=OBRAS>> Acesso em: 15 nov. 2023

RIVERA, Froilán Meza. *El horror nuestro de cada día (349)*. **La Crónica de Chihuahua**, 2028. Disponível em: < <https://www.cronicadechihuahua.com/El-horror-nuestro-de-cada-dia-349,55489.html>>. Acesso em: 30 set. 2023.

SOLORIO, Nelson. *La Leyenda de El Curro: El fantasma que custodia un tesoro en los cerros de Santa Eulalia*. **El Heraldo de Chihuahua**, 2023. Disponível em: < <https://www.elheraldodechihuahua.com.mx/doble-via/la-leyenda-de-el-curro-el-fantasma-que-custodia-un-tesoro-en-los-cerros-de-santa-eulalia-10790175.html>>. Acesso em: 30 set. 2023.